

ALFREDO DE ASSIS

DA ACADEMIA MARANHENSE

OBRA

269.93

A848C

# COISAS DA VIDA

8

BIBLIOTECA SOTERO DOS REIS

de JOÃO VICTOR RIBEIRO

de ..... de 19.....

SECÇÃO .....

GRUPO .....

N. .... PAG. ....

PREÇO ..... \$ .....

1916

TYPOGRAVURA TEIXEIRA

MARANHÃO



Biblioteca Pública Benedito Leite

FUN. BIBLIOTECA PÚBLICA  
REGISTRO GERAL  
DOAÇÃO 6959  
DATA 31/12/2010

## VELHA MANGUEIRA

Fica a alguns passos de um dos curraes, todo cheio de mato a desfazer-se completamente, a velha mangueira secular. A casa, ha muito que a deixaram os derradeiros donos, e, sozinha, naquelle abandono e naquelle silencio, perdeu todo o ar de coisa viva; mergulha no anniquilamento. As paredes gretadas, o tecto meio destelhado, as portas apodrecidas, que o vento faz ranger nos gonzos comidos de ferrugem, não deixam illusões sobre o seu proximo destino, talvez melhor, entretanto, muito melhor, de certo, que esse miserando presente de tamanha e tão dolorosa solidão. Da pobre tapéra, dentro em breve, nada mais restará que um montão de escombros.

E a velha mangueira, testemunha cala-

da e dolorida daquelle deperecimento, ali jaz e ha de sobreviver-lhe, a velha mangueira, onde aos meus olhos como que pulsa um coração lagrimoso, trabalhado de infinitas agonias. A' noite, a brisa que lhe roça pelas folhas parece que lhe arranca gemidos de magua sem consolo. E, mesmo de dia, seja inverno ou brilhe a divina belleza da primavera, tristonho é sempre o aspecto do velho vegetal, contemporaneo dos primeiros habitadores da fazenda morta.

Tem saudades, a triste mangueira centenaria. Todo um mundo de recordações ha de doêr-lhe no cerne, e muito mais do que lhe doeria o golpe violento da afiada segúre de um lenhador. Lembra-se, de certo, de tanta coisa, a velha mangueira !

Ha de lembrar-se das crianças que nos galhos lhe armavam os balanços, que nelles se embalavam, gazilando, risonhas e trefegas, na venturosa despreocupação de quem não sabe senão de brinquedos e travessuras.

Ha de lembrar-se dos dias de festa na fazenda, da chegada dos moços sertanejos, pimpões e ruidosos, montando valentes cavallos de sella de longas crinas ao vento, que entravam o pateo coreoveando com brio e garridice, para esbarrar de subito, a cabeça

enfreada, a bôca espumejante, nos olhos um rude fulgor de orgulho e de força; do desusado movimento dentro de casa e fóra, pelo terreiro e pelas senzalas; das dansas ao luar; da musica das violas; dos cantadores ao desafio, sonorizando a noite formosa e arrancando bravos de todos os peitos; de certos idyllios ligeiros, que á sua copa se vinham abrigar, numa fuga apressada, em que á dança e ás cantigas era entregue o melindroso encargo de manter as attenções alheias á fuga e longe do idyllo...

De que se não lembra, a velha mangueira centenaria!

Uma noite, já bem tarde, um cavalleiro chegou-lhe á sombra. Examinou-o, cheia de curiosidade. Quem era? Que buscava á quella hora, em que a fazenda já dormia? O cavalleiro apeou-se, cauteloso, e se lhe encostou ao tronco, do lado opposto ao que enfrentava com a casa. O cavallo, á sua ilharga, babujava, mordendo a brida, a erva tenra, que o inverno em começo fazia rebenhar. O homem, de quando em quando, escrutava o silencio, que era grande, e a treva, que era profunda. Ao cabo de uma hora talvez, um vulto de mulher aproximou-se delle. Houve como o leve ruído de um

beijo, e os dois cavalgaram. Ia chover. Um relampago illuminou-lhe toda a copa. E, ao clarão do relampago, ella ainda pôde ver a caçula do fazendeiro que fugia com alguem cujas feições debalde procurou distinguir. E nunca mais a viu... Fôra-se embora para sempre...

Uma feita—havia mais de vinte annos, e a esta recordação ainda se sentia abalada da raiz ás folhas—dois trabalhadores se desavieram, pouco depois de entrarem no pateo da fazenda, pelo caminho que ia dar á roça. Gesticulavam como em furia, e de repente um delles empurrou o outro pelos peitos, fazendo-o quasi cair. Ambos estavam armados de faca, e o aggredido, logo reequilibrado e com o semblante demudado pela colera, avançou, de faca em punho, contra o aggressor. Teve a lamina um lampejo de relampago, e os dois agarraram-se, ferozes, rugindo.

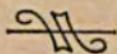
Correram de casa varias pessoas : iam separal-os. Mas a luta foi rapida, quasi tanto como o brilho da lamina. De modo que, ao chegarem, já um dos dois escabujava, convulso, no solo ensanguentado, enquanto que o outro cambaleava, de olhos attonitos e mãos como á procura de um apoio, com um

jorro de sangue a fluir da altura do mamillo direito.

Outra vez, ao pôr do sol, uma scena, cuja lembrança lhe ficou muito viva, desenrolou-se a poucos passos de si. Era bem moça, nesse tempo; reflorira pela decima ou undecima vez. Fôra vendido um escravo da fazenda. Ficava-lhe a mäi, os irmãos, e a mestiça, forte e de grandes olhos, de quem andava enamorado. Vieram todos—os antigos senhores tambem—vêl-o partir, em companhia do novo dono. E, enquanto se derramava copioso o pranto dos que lhe queriam, enquanto a velha escrava, sua mäi, depois de o abraçar, se encostava á parede da casa, e soluçava baixinho, sem se atrever a olhar mais para o filho, cheia de uma dôr resignada e profunda, elle não vertia uma lagrima e tinha os olhos em fogo, talvez porque, no momento, o odio no seu peito fosse maior que a tristeza da separação. Na volta do caminho, perto, quando ia fugir-lhe da vista a casa da fazenda,olveu um olhar, o derradeiro, para traz, para o que deixava. Pareceu que a dôr o vencera, que ia chorar. Fez, com o punho, um gesto vago para os que ficavam... Depois, cobriu o rosto com as mãos ambas, e desappareceu...

Outra vez... Mas fôra impossivel desfiar o rosario infinito de recordações da velha mangueira centenaria. O exicio de tudo que a cerca é-lhe motivo de continua evocação e perenne saudade, mau grado infortunios que viu, amarguras que perscrutou. Porque maior lhe apparece á memoria, maior que amarguras e infortunios, a felicidade dos bellos dias em que aquellas rui-  
nas eram a Fazenda da Fonte-Clara !

Ah, tempo !





## UM ARTISTA...

---

O caso a muita gente se apresentará como impossivel; a mim, ao contrario, elle se me antolha perfeitamente verosimil. Julgo-o mesmo rigorosamente verdadeiro, a louvar-me nas palavras do glorioso romancista de São Miguel de Seide, para quem «tudo o que é possivel tem acontecido, visto que a fantasia não pôde ser mais inventiva que a natureza».

Juliano Villar gostava infinitamente de contos; o conto, para elle, era a composição literaria por excellencia, aquella que demandava, da parte do escriptor, maior somma de talento, mais elevada capacidade artistica. «Oh, o conto! a synthese divina!» Aprazia-lhe a phrase e costumava dizer-s

com emphase e gestos de illuminado. Não se pôde fazer idéa do enterneциamento com que elle se referia, por exemplo, aos contos de Affonso Arinos e á *Terra Maldita*, de Viriato Correia. Tinha-lhes trechos decorados, e, quando porventura os recitava, dizia os vocabulos como quem saboreia o acepipe a que a culinaria maranhense denomina de *baba de moça*.

Com o andar do tempo, Juliano Villar chegou a querer tambem ser um contista. E, de então em diante, constituiu-se um extraordinario paradigma de força de vontade. Enchia cadernos, rasgava cadernos, tomado de uma febre de aperfeiçoamento; contava o episodio amoroso, dizia a historia de lances complicados, tracejava a novella sertaneja, esmerava-se bordando a fantasia, não perdia tempo, no fim de contas; nem tempo, nem assumpto. Qualquer assumpto (decente, bem entendido) lhe servia, porque lêra e aceitara como verdade que, em arte, a excellencia do thema depende da excellencia do artista.

Juliano casou-se, um bello dia. E a mulher e o conto ficaram sendo as duas altas e exclusivas paixões da sua vida. Aliás, fôralhe o casamento o desfecho de um alegre e

ligeiro conto de amor, principiado quatro mezes antes e desenvolvido ao sol de uma constante felicidade. Raimundinha era o nome da eleita do seu coração, e outra não havia com uns olhos mais lindos e um sorriso de tanta graça. Ao pedil-a, não ignorava que ella, cinco annos passados, andara de namôro com o Constancio Videira, quando este, concluidos os preparatorios e tendo de seguir para o Rio, viera á villa despedir-se da familia. Mas isso passara, e o Constancio, prestes a chegar já bacharel em direito, seria para ella como um estranho. Houvesse deixado levar-se de escrupulos atoleimados, e não teria agora a sua mulherzinha, tão meiga e tão bonita !

E, assim, Juliano Villar vivia uma existencia verdadeiramente bonançosa.

\* \* \*

A chegada do bacharel Constancio Videira foi festejada com um grande baile, de que a villa guarda a memoria. Vinha elle precedido de uma fama illustre: fizera um curso brilhante, era poeta de vôo e estilista consagrado. Seus pais nadavam no mar, azul e classicó, das felicidades indizíveis, e não haviam poupado dinheiro e esforços afim de o receber condignamente. A villa

em peso foi á festa, e Juliano, ao servir-se a mesa de doces, não se conteve que não fizesse um brinde ao seu «antigo collega de escola primaria e hoje glorioso nome das letras nacionaes!»

O homenageado agradeceu commovido, dizendo coisas blandiciasas ao seu «querido conterraneo e apreciado novellista», e Juliano deslumbrou-se. Que artista, santo Deus! que maravilha de phrase! que riqueza de talento!

Ficaram logo muito amigos, o contista e o poeta. Dansaram *vis à vis*, e Raimundinha, por mais de uma vez, dansou com o poeta a pedido do contista.

\* \* \*

Certa manhã, seriam dez horas, Juliano Villar chegava da rua á sua casinha, no largo da Matriz. Vinha muito alegre, trauteando uma canção e trazendo na cabeça um bello thema para um conto. A manhã, de sol e ventos geraes sacudindo festivamente as arvores da praça, convidava ás locubrações literarias. Sentia-se capaz da producção facil e inspirada e dirigia-se para a sua mesa de trabalho, quando, ao passar em frente ao quarto da mulher, viu que esta, de costas, estava ocupada em alguma cousa.

Occorreu-lhe, então, uma idéa, que de varias outras vezes já puzera em pratica: ir aproximando-se della, pé ante pé, e beijala de surpresa.

A Raimundinha, naquelle momento, estava mesmo digna da surpresa do literato; viera do banho, e os seus cabellos, muito negros e longos, enchendo o quarto de um vivo perfume de agua da Colonia, derramavam-se tentadoramente pelos hombros de neve, onde se estendia, transparente, a leveza de um penteador.

Juliano ia quasi a abraçal-a, quando viu que ella estava a ler um papel. Conteve-se, curioso, e procurou ver o que era.

Ah, o que era! Era uma carta do poeta á Raimundinha! uma carta de amor!

O contista, no primeiro momento, quasi morreu de desespero. Mas conseguiu dominar-se, e foi lendo. A Raimundinha, que já lêra a carta, relia-a agora, pausadamente, como que procurando perceber melhor o sentido das palavras. Elle acompanhou a leitura, da primeira á quarta lauda, suportando os vagares da mulher. A epistola, toda ella, era uma cantilena suave de coração enamorado, e nella Constancio Videira deramara todos os philtros embriagadores da

sedução. Escrevera com excelsa mestria, com um abundante luxo de adjetivos lembrando joias luzindo ao sol. Visava deslumbrar e enternecer a alma da Raimundinha, e, por isso, não lhe esquecera também o período choroso, em que o passado vinha à tona e era cantada uma nenia à ventura perdida—«ventura, entretanto, que, se ella quizesse, ao menos em parte poderia renascer»...

Quando o contista chegou à linha final...

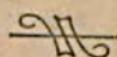
Dirão os leitores:—matou a mulher!

Não, senhores; quando elle chegou à linha derradeira, gritou apenas, estrangulado de emoção:

—Oh! perfeito! que ladrão de talento!

A raiva explodiu depois.

Antes e acima de tudo, era um artista, o Juliano Villar.





## ALMA DE OUTRORA

---

Um retrogrado ? um atrazado ? Pouco lhe importava o qualificativo. Sel-o-ia. Mas o certo é que achava infinitamente mais agradável encerrar-se no circulo—«estreito» para os que o desdenhavam—das suas profundas predilecções.

Sem que se pudesse vencer, sentia que o afastava dos modernos, em sciencia e em literatura, um horror instinctivo, que se superpunha a quaesquer considerações. Argumentos não havia que o fizessem preferir o romance de um Flaubert ao de um Alexandre Dumas, a poesia de um Bilac á de um Casimiro de Abreu. Tampouco, podia compreender porque o espirito humano havia de se entregar ao agitado e inconsistente das

idéas revolucionarias, em vez de reposar tranquillo na grande calma silenciosa das crenças dos nossos avós.

Os velhos classicos portuguezes eram-lhe a apaziguadora companhia de todas as horas vagas. Dentre elles, nenhuns em tanta maneira o compraziam, quanto João de Barros e Diogo do Couto, fr. Luis de Souza e o suave e piedoso oratoriano Manuel Bernardes. Que livros, por mais perfeitos, poderiam, contando, se não exceder, ao menos aproximar-se das incomparaveis narrativas das *Decadas da Asia*? E que estilistas, por mais encantadores e judiciosos, alcançariam rivalizar os altanados buriladores da *Vida de d. fr. Bartholomeu* e dos *Annaes de D. João III*, da *Nova Floresta* e do *Pão partido em pequeninos*?

Com o volver dos annos, o seu ser espiritual, plasmado, desde a primeira juventude, pelos quinhentistas e seiscentistas lusitanos, o que acontecera devido á influencia do erudito padre-mestre que lhe fôra um dos professores, principiara a incompatibilizar-se com o seculo. Religioso, repugnava-lhe, cada vez mais, as irreverencias e as heresias de quasi toda a gente para com tudo aquillo que o seu coração adorava co-

mo sagrado e divino. Apaixonado da pureza do idioma como o tratavam os impeccaveis e rigorosos cinzeladores de outrora, cuja phrase, toda harmonia, correção e clareza, ostentava as flexuosidades e, simultaneamente, a precisão que acabam imprimindo ás suas creações aquelles que não existem senão para aperfeiçoal-as no aneio de eternizal-as,—horrorizava-o a lingua inventada pelo geral dos escrevedores, lingua sem alicerces, desligada do preterito, inçada de novidades e peregrinismos, argilla imprestavel para a feitura de monumentos duradoiros.

E os varões, os gloriosos varões das éras desapparecidas—os heróes da fé e os conquistadores de terras barbaras? E onde, nos tempos em que vivia, onde ao menos a sombra de um Nunalvares, alma de santo e braço de lidador, incansavel e prodigioso, homem egregio, cuja magnitude fortificara a seiva de que brotaram os *Lusiadas*, e, sempre luminosa através das idades, inspirara a Guerra Junqueiro os versos mais admiraveis e perfeitos que lhe fôra permitido escrever?

Tambem já lhe haviam chamado, ironicamente, um anachronismo ambulante. Era, sim, um anachronismo. Devêra ter nascido

tres ou quatro seculos atraç. Perfeitamente sentia que estava deslocado no tempo. Quisera ter vivido e morrido sob o dominio de El-Rei Nosso-Senhor, feliz com parte d'aquelle vida exticta, com que se familiarizara por via de tantas e tão amadas leituras, e donde lhe vinha um perfume, dos outros homens não percebido, e, no entanto, cheio de embriagadoras suggestões, aroma de reliquia, transcendente, mysterioso e vago...

Quem lhe déra ter sido companheiro dos navegadores prístinos e com elles haver lustrado os mares desconhecidos, ardendo na febre de ver novos mundos e novas gentes e de conquistal-os para a patria, sem se importar com os perigos da empreza, da travessia e da chegada, perigos, por extremos que fôram, sempre insignificantes, em comparação da amplitude sem mensura do sonho que os illuminava e abrasava! Grandes tempos, de alto heroismo e deslumbradoras visões, tão palpitantes na saudade das sextilhas que Gonçalves Dias attribuiu áquelle imaginario fr. Antão, de alma irmã da sua, e cujas trovas lhe entravam o espirito como a harmonia blandiciosa de um heptacordio distante...

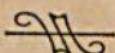
«Bom tempo foy o de outrora,

«Quando o reyno era christão»...

Esse amor ao passado levava-o a exageros dos maiores a respeito da gloria da sua terra, nos tempos em que ella conquistara a antonomásia de Athenas. Aquelles quatro vultos classicos das letras maranhenses—Odorico, João Lisbôa, Gonçalves Dias, Sotero—levavam-no á idealização continua e fantasista de um Maranhão infinitamente mais bello do que o que lhe era conhecido; imaginava-o como numa claridade que o sol já não prodigalizava, e que, jovializando os corações, tornava as intelligencias mais lucidas e mais elevadas. Uma vez, um dos seus raros amigos encontrou-o—era noite, e a rua, solitaria, alvejava aos raios do luar—encontrou-o, parado, deante de uma das casas em que morou o autor do *Jornal de Timon*. Que fazia? perguntou-lhe. Respondeu, como se emergisse de um enlevo, que estava, mentalmente, através das janellas abertas, a ver o magno escriptor, sentado á mesa de trabalho, elaborando as paginas de bronze da sua obra immortal.

Mas havia uma força a prendel-o soberana ao presente e ao futuro, como prendem as estrellas a pupilla encantada de um pantheista: era a Mulher, a mesma em todos os tempos, transitoria e perenne ma-

ravilha, a cujo prestígio nem procurava nem lhe fôra possível esquivar-se. Timido, retra-hido, na clausura do seu viver de contemplativo, amava-a de longe, platonicamente... Mas não a via sem que os olhares se lhe inundassem de uma luz de aurora, e na alma lhe ficassem uns desejos inexpressíveis e um delicioso esquecimento de tudo mais...





## LUCIA

---

«Já recolhidas todas as pessoas de casa, ficámos os dois sentados no terreiro, conversando.

A lua ia alta nos céus, reinava em torno uma paz adormecedora. Apenas, resaíndo de leve do silencio das coisas, o rio murmurava perto a melopéa de saudade das suas aguas vagarosas, ou, a quando e quando, pios d'ave vibravam monotonos, resumbrando melancolia.

Eu chegara á fazenda no dia antecedente, ancioso por algumas semanas de vida oxigenada no socego do campo. O Octavio, sabendo do meu regresso do Pará, escrevera-me, dizendo estar á minha espera, e insistando pelo cumprimento da promessa que,

havia tempo, eu lhe tinha feito, de ir visitá-lo á sua casa da Margem-do-Rio. Não nos viamos desde longos mezes, e foi duplamente satisfeito que me apressei em cavalgar para a distante vivenda do meu querido amigo.

—Ah! E' verdade. Já me ia esquecendo. Que historia é aquella de que, na tua carta, me prometteste falar?—perguntei-lhe.

—Eu te conto. E' um caso triste, cuja lembrança ainda hoje me emociona.

No penultimo anno da minha formatura, aqui chegou uma familia cearense, que veio pedir á mamãi um cantinho de terra para cultivar. Compunha-se de dois velhos, uma linda mocinha, a Lucia, e tres creanças—um menino e duas meninas. A mamãi, sempre caridosa, sensibilizou-se deante da pobreza dos retirantes, acolheu-os carinhosamente, promettendo-lhes a sua protecção, e deu-lhes a morar uma daquellas casinhas de ao pé do morro. E por aqui elles ficaram trabalhando, sempre muito estimados, porque eram, na verdade, umas bôas criaturas. A Lucia, essa, então, era um anjo, e a mamãi tanto a apreciava, que um dia pediu aos velhos a deixassem morar em sua companhia: não havia nisso nenhum inconve-

niente; as duas casas ficavam tão proximas uma da outra, que era quasi como se as duas familias vivessem juntas, sob o mesmo tecto. Demais, queria ensinar á Luciazinha, activa como se revelava, um pouco de leitura e calculo e algumas prendas domesticas, que ella, ou ignorava, ou conhecia imperfeitamente.

Os velhos recusaram-se: «que a mamã os desculpasse, mas não podiam separar-se da filha. Comtudo, ella podia passar os dias na casa grande; lá quanto a isso, não havia duvida, elles até sentiam prazer em vê-la em tão bôa companhia como a da «senhora dona», cuja estima não podia senão dar-lhe proveito». Prevaleceu a resolução dos velhos, e a rapariga ficou apenas passando os dias em companhia da mamã e da Custodia, a minha irmã hoje casada com o João Cesario. Isto, nos primeiros tempos. Depois, foi ficando mais de casa, e acabou, com a acquiescencia dos pais, a ter aqui a sua residencia effectiva.

Quando, já formado, cheguei de São Paulo, aqui vim encontrar-a no seu habitual vestido branco, muito aceada e muito meiga. Um serzinho adoravel, acredita, lembrando uma daquellas doces figuras de cam-

poneza das encantadoras novellas de Julio Diniz.

—E logo te apaixonaste, pelo que vejo. Uma perfeição assim...

—Não, não me apaixonei. Que diabo! Nem sempre o espirito se deixa dominar pelos arrastamentos da sensibilidade, e eu tinha viva no coração a imagem da noiva que deixara em São Paulo. E' certo que a intimidade em que viviamos e a graça realçante e ingenua de Lucia me inspiraram por ella uma sincera sympathia; mas não está em mim alimentar esperanças mentirosas, e portei-me convenientemente, tratando-a com a delicadeza de que era merecedora, sem jámais ultrapassar a linha do dever. Resolvi proceder como se fôra seu irmão. Ella tratava-me com affecto e carinho. A Custodia, sempre solícita em me ser agradavel, não lhe levava a palma nos cuidados que tinha para commigo. E assim se passaram os tres primeiros mezes, mezes que me correram ligeiros, sem preoccupações, contentes e felizes.

Mas um dia fui surprehendel-a a contemplar o meu retrato, a bejal-o enamoradamente, sentada em uma cadeira, ao pé da mesa do quarto da mamãi, defronte da ja-

nella que ali vês. Eu andava á procura da Custodia e me aproximava para perguntar-lhe por ella, quando assim a vi, e tão absorvida, que não deu pela minha entrada. Foi um espanto para mim o que acabava de presenciar. Era a revelação de uma coisa que ainda nem de leve me passara pela cabeça. Julgava aquellas manifestações de affecto de que ella me cercava absolutamente alheias a qualquer outro sentimento que não fosse a pura amizade. Não me creias, por isso, um ingenuo. E' que, efectivamente, todos os seus actos se tinham revestido sempre de uma perfeita simplicidade, onde não havia coisa alguma que denunciasse uma paixão. Surprehendia-a ás vezes, é certo, a fitar-me demoradamente, com uma deliciosa candura nos olhos limpidos, grandes olhos negros cheios de belleza e bondade; mas esses olhares, eu os levava á conta do *sr. doutor*, essa entidade de magicos prestigios para a maioria da gente matuta. A mamãi tambem alguma vez reparava naquella contemplação e sorria, olhandome. A mamãi, como eu, attribuia aquillo á admiração pelo *sr. doutor*, o homem que passara varios annos nas grandes terras do sul, e de lá viera sabendo tudo e ainda tão moço.

Com semelhante disposição de animo, foi que se me deparou aquella estranha revelação, que a outro bem poderia encher de desvanecimento, mas que a mim me não deu nenhuma alegria. E foi com tristeza que recuei devagarinho, para que ella não dêsse pela minha presença. Morreria de vergonha, coitada !

Desde então, começou a trabalhar-me o espirito, inquietadoramente, a lembrança daquelle amor que ali ao pé de mim se desenvolvia, que tão viçoso se mostrava, e que eu não sabia a que resultado havia de chegar. Que resultado seria esse ? Feliz, não podia ser. Eu estava noivo e o meu coração era todo da ausente que, embora longe, brilhava constante aos meus olhos, evocada pela saudade que ainda me acompanha. Seria funesto, certamente. Temi por mim e por ella, pensando no futuro. Quem pôde lá saber o que fará no dia de amanhã ? Pois não é certo que ás vezes nos afastamos de nós proprios, quebrando abruptamente o laço de identidade que fazia o mesmo o eu de hontem e o de hoje ? Mas, que eu não abandonasse a recta que me traçara e a dignidade me impunha inexoravelmente. Que eu não me deixasse ven-

cer pela belleza daquelle mocidade, pela docura daquelle carinho, pela certeza daquelle affecto. Ainda assim, havia para ella, no fim de tudo, e quando esse amor já fosse talvez indominavel, a tortura de um desengano.

Foi com estes pensamentos que resolvi, alguns dias depois, dizer tudo á mamãi, para que, do seu avisado conselho, resultasse o melhor meio de dirimir as difficultades da situação, que se me antolhava perigosa e me infundia no espirito um crescente mal estar. A alma da mulher—deixa passar a tirada, que, se é de facil, parece de bôa psychologia—é mais apta que a do homem para a solução desses delicados problemas sentimentaes, maximè se os seus recursos se teem de exercer no sentido da felicidade de pessoas queridas. No primeiro momento, tornada apenas da surpreza em que a deixara a confissão que eu lhe acabava de fazer com o possivel tacto, confissão na qual, fugindo á descripção do que vira no quarto, somente lhe falei na inilludivel certeza em que estava daquelle amor,—ella, que me ouvira de pé, assentou-se em uma cadeira e deixou-se ficar numa grande perplexidade, calada, a olhar-me, como se não soubes-

se o que deveríamos fazer para evitar o que nos parecia a ambos um perigo, de modo a não offendere os melindres da rapariga e de seus pais.

A emergencia, como vêes, era embaraçosa. A mamãi já estimava devéras a rapariga. «E' a minha segunda filha,» dizia ás vezes. E isso ainda mais lhe difficultava a solução do caso. Lembrei-lhe fazer uma viagem ao Amazonas, o que, aliás, seria a realização de um velho projecto. Um meu condiscípulo, irmão de certo político amazonense que diziam muito amigo do Pensador, convidara-me a ir a Manaus, onde me seria dada uma bôa collocação. Certo é que não tive nunca um desejo real de viver no Amazonas; mas iria vêr, e, se me conviesse, aceitaria o offerecimento. A mamãi rejeitou o meu alvitre. Esse nome de Amazonas apavorava-a. Demais, não podia consentir na minha ausencia, tão pouco tempo depois de haver chegado.

E então foi ella que lembrou uma viagem a S. Luiz. Ahi nos demorariamos quatro a seis mezes, e, quando voltassemos, talvez a Lucia já houvesse encontrado um novo entre os rapazes da vizinhança, ou talvez mesmo aquella fantasia já se lhe hou-

vesse desvanecido do espirito. Ficámos nisto. E logo no mesmo dia, por occasião do jantar, a mamãi communicou a todos de casa a resolução que tomara. Necessitava de passar uns mezes na capital, afim de espairecer. Já fazia quasi tres annos que não saía da fazenda, e lhe convinha um passeio. Deveríamos embarcar dahi a uns oito ou dez dias.

Ainda me dóe o recordar-me da expressão de surpresa e amargura que tomou então o semblante da Lucia. Cobriu-se-lhe o rosto de uma pallidez de marmore, e, sem duvida para que ninguem lhe notasse a profunda perturbação que experimentava, pediu licença—«ia ali ao quarto»—e levantou-se. A mamãi olhou-me, com os olhos quasi em lagrimas. A Custodia, que falava com a criada, nada percebeu. E o jantar continuou, até que aquella pretinha, que ha pouco nos trouxe o café, levou á mamãi um recado da Lucia—«que não a esperasse, que estava indisposta, com uma forte dôr de cabeça».

—Diabo ! Começo a ter pena da rapariga !

—Grande pena foi tambem o sentimento que me avassallou naquelle instante. Talvez mesmo alguma coisa mais, tanto me doía, tão intensamente me magoava aquella clara e

positiva revelação de amor por mim. Mas a nossa resolução estava tomada, era justa e absolutamente necessaria. Se eu não estivesse noivo, não duvido de que as coisas se tivessem passado de outra maneira. Eu me sentia muito bem ao lado daquella interessante creaturinha, e de futuro, quem sabe? talvez chegasse a fazel-a minha mulher. Nas condições em que me encontrava, porém, não tinha outro caminho a seguir.

Quatro dias se passaram depois do que acabo de te contar, durante os quais a Lucia mudou profundamente. Notava-se-lhe um immenso esforço por se vencer, por parecer o que até então havia sido. Mas não o conseguia. Os seus sorrisos eram mortos, traduziam tristeza, e, quando alguem alludia á viagem, nada dizia, recolhendo-se a um mutismo que se adivinhava doloroso.

Ao anoitecer do quarto dia, encontrei-a sozinha, debruçada de uma das janellas que dão para o quintal. Eu tinha firmado o proposito de lhe parecer estranho ao que se passava no seu coração, e comprehendes por que. Primeiramente, não podia ir ao encontro do seu desejo, e, depois, seria imperdoável indelicadeza e até crueldade dar-lhe a entender que o conhecia para proceder como

se o ignorasse. Mas, naquelle momento, não sei bem por que—se apenas por uma viva piedade, ou se tambem por um impulso irreprimivel de ternura,—não me contive e della me aproximei. Sentiu-me os passos, e voltou-se, fixando-me com um certo ar de surpresa. Depois, esboçou um sorriso. Falei-lhe :

—Parece-me que tem andado triste, Luciazinha ?

—Eu ?... E calou-se, muito pallida. Depois, afastou de mim os olhos, e percebi que se esforçava por não chorar. Mas as lagrimas vieram-lhe, abundantes, em fios. Quiz pegar-lhe das mãos:—Que tem, Luciazinha ?—Mas, antes que o conseguisse, ella levou as mãos ao rosto e afastou-se, quasi a correr, engolindo soluços. Tomou para o seu quarto, e eu ainda ali me fiquei, numa grande amargura, num infinito arrependimento pelo que acabava de praticar. Realmente, que doidice, ou que maldade, aquella pergunta, se a nada podia dar remedio ! Nunca procedera tão impensadamente em momento nenhum da vida !

Não a vi mais, naquelle noite, em que pouco dormi, assoberbado de um constrin-gente mal-estar moral.

Ergui-me tarde, na manhã seguinte, em consequencia da tormentosa vigilia a que me haviam levado as minhas preoccupações. A mamãi esperava-me na varanda a conversar com a Custodia. Falavam a respeito da Lucia e me disseram que ella, continuando a sentir-se incommodada, quizera ir para a casa dos pais. Minha irmã, nessa occasião, foi que soube daquelle drama intimo de que nós—eu e a mamãi—ainda lhe não quizeramos falar, no receio de que ella não dissimulasse convenientemente diante da Lucia. A Custodia ficou tambem fundamente penalizada, porque muito queria á inditosa rapariga. «Tão bôa, coitada! disse ella. Uma pena! Está ahí, Octavio, uma coisa que eu applaudiria satisfeita, se não tivesses noiva: o teu casamento com a Lucia». Compreendi, nessa occasião, que a mamãi pensava do mesmo modo.

Partimos (estavamos numa quinta-feira) no sabbado da semana seguinte. A Lucia não voltara da casa dos pais, onde a mamãi e a Custodia iam vê-la todos os dias. A pobrezinha estava devéras abatida, empallidecia a olhos vistos e queixava-se de uma frequente dôr de cabeça. Os velhos viviam afflictos, e ainda mais—diziam—porque

ignoravam a que devessem attribuir aquella doença tão exquisita. A velha, todavia, contou-me a mamãi, ficava ás vezes a olhal-a, ou á Custodia, como se procurasse ler-lhes na expressão do rosto a confirmação de uma suspeita que se lhe gerara no espirito. O coração das mãis é presago e aquella talvez houvesse adivinhado a causa do soffrimento da filha.

No dia da viagem, fomos os tres á casa da Lucia despedir-nos. Não a vimos, porém. A velha, que, para prevenil-a da nossa chegada, fôra á camarinha, donde soubemos ella ainda não saíra naquelle dia, voltou dizendo que a encontrara dormindo e que não oussára acordal-a, em virtude de a noite precedente lhe ter sido quasi toda de insomnio. Que nós desculpassemos. Ella havia de sentir muito, quando despertasse. Mas ficára tão abatida, com aquella noite em claro !

Duvido ainda hoje de que a pobre mulher tivesse falado verdade. O que me parece é que ella obedeceu a instruções da filha, que assim quiz evitar as emoções da despedida. A mamãi e a Custodia pensam como eu. Como quer que fosse, aceitamos a explicação, e saímos, deixando á Lucia os nossos adeuses.

O Octavio fez uma pausa.

—Vamos, continua, pedí-lhe, ancioso por ouvir o resto.

—Depois... Aqui eu poderia falar-te dos meus desgostos, até dos meus remorsos, nascidos da convicção, que, dia a dia, mais em mim se arraigava, de haver procedido como um carrasco para com a rapariga. Mas não foi a minha historia que prometti contarte, e já está muito tarde. Vamos ao epílogo.

Uns vinte dias após a nossa chegada, veio-nos ás mãos uma carta do velho Jorge—supponho ainda não te havia dito ser esse o nome do pai da Lucia. A carta era para a mamãi, e nella, por entre abundantes protestos de gratidão, elle nos communicava o seu regresso com a familia, na outra semana, para o Ceará.

O inverno restabelecera a fartura nos seus sertões, donde somente a secca os havia desterrado, e parentes proximos lhe haviam escripto instando por que voltasse. Iam-se embora, por isso, e apesar do prejuizo que lhe traziam o abandono da sua roça, cujo plantio começara, e a venda dos seus cereaes, de que se desfizera a preço minimo. Esperava, porém, que tudo havia de ser resarcido

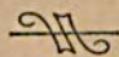
fartamente. Iam muito saudosos da Margem-Rio e sobretudo da «senhora-dona» e da sua familia, mas—acrescentava com uma franqueza engraçada, ou talvez amarga—«antes de tudo, a terra da gente». Quanto á Lucia, dizia confiar em que se recobraria com o clima cearense, o que a levara a abraçar satisfeita a idéa da viagem. Dizia mais que ella, ainda abatida, não nos podia escrever, do que pedia perdão. Mandava-nos, porém, muitas saudades. Tornei a ver ahi uma sugestão da coitada, e, ainda uma vez, justifiquei-lhe o procedimento. Ella nunca soubera dissimular. Fôra por isso, por essa honesta falta de dominio sobre si mesma, que nos deixara a casa. Como se poderia expressar, por conseguinte, de maneira a não trair as amarguras do seu pobre coração desilludido?

Dois mezes depois, regressámos. Tinham-se ido, estava tudo acabado. Mas a ausencia deixara triste a fazenda. Queres saber? A casinha, então abandonada, em que elles haviam residido— aquella, que lá está—deume, creio que pela primeira vez, a sensação bem viva da alma das coisas mortas. Pareceu-me que chorava, pareceu-me. Tem agora outros habitadores; mas, apesar dis-

so, ainda lhe noto um ar saudoso e dolente, que a tudo de em torno se communica e que te não sei descrever.

—Mas que eu sei donde vem. Vem de ti. Gostavas da Luciazinha muito mais do que imaginavas. Vem do teu coração, meu eterno romântico !

—Talvez... Mas é tarde, vamos dormir. Erguemo-nos. Uma viração muito fria começava a correr e a ciciar nas folhas das árvores. O rio continuava murmurando merroncero, como em surdina, a melopéia das suas águas. E, no céu, redonda e clara, a lua brilhava cada vez mais bella...»





## ARTES DO DIABO

---

Toda a população da villa se preparava para ir ao encontro de Santo Antonio, orago da freguezia. Desusado movimento enchia as ruas, os sinos badalavam alegres na manhã luminosa, e de muitas casas flexavam para o ar innumeros foguetes, numa atoarda constante, indo derramar no alto a fanfarra festiva do espirito catholico da localidade.

Vinha de longa data o esforçado empenho de muitos dos seus habitantes no sentido de ser substituida por outra, maior e mais perfeita, a antiga e pequena imagem do glorioso thaumaturgo, pobre manufactura de um modesto imaginario sertanejo. Vivia ainda o frade que fôra o segundo vigario da fre-

guezia, quando surgiu a idéa, que vigorosamente, desde logo, alastrou nas almas, como planta de bôa seiva. O frade applaudiu-a com ardor, e listas foram espalhadas para a subscricção de donativos. Mas a sua morte sobreveio inopinada, e a realização do projecto, adiada indefinidamente, só agora, quatorze annos depois, ia tornar-se effectiva, graças, principalmente, á chegada do padre Hildebrando, ultimamente ordenado e sem demora nomeado parocho do lugar.

Ambicionou o novo pastor que a primeira festividade a realizar-se na villa debaixo da sua direcção se revestisse do possivel brilhantismo e restasse indelevel na memoria de toda a freguesia como uma grata recordação da sua estréa na vida sacerdotal. E, pois, indo ao encontro da aspiração dos seus parochianos, cuidou, antes de tudo, da vinda de um novo Santo Antonio, que desejava esculptura de viva belleza, a denunciar a mão de um mestre que a houvesse trabalhado ardendo no anejo de realizar uma obra-prima.

A imagem viria de Lisbôa — terra de grandes imaginarios. Que admiraveis primores de lá não saíam! Bastava, para exemplo, vêr a Nossa Senhora da Conceição, pertencente á mulher do capitão Felisbello, in-

tendente municipal. Uma maravilha de naturalidade ! Um mimo ! Como olhavam para a gente, os doces olhos daquella divina Senhora !

Adoptada promptamente a idéa do padre Hildebrando, um positivo, com reiteradas recommendações de andar depressa, partiu para Caxias, afim de, telegraphicamente, transmittir, a uma casa commercial de S. Luiz, a encommenda, firmada por um dos negociantes da villa, de um formoso Santo Antonio de 80 centimetros de altura. Oitenta centimetros, segundo consenso unânime, era um tamanho respeitável e digno do Padroeiro ! O telegramma recommendava que a imagem devia ser pedida da capital portuguêsa com toda a brevidade, afim de que pudesse chegar a tempo de servir na festividade daquelle anno. Devia estar em Caxias, o mais tardar, a 20 de maio.

Dado esse primeiro passo—de certo o mais importante—começaram os demais preparativos da trezena. Os poderes municipaes providenciaram solicitamente em relação á limpeza das ruas e praças, não esquecendo a estrada por onde o santo faria a sua entrada na localidade. A igreja, interna e externamente, passou por diversos melhora-

mentos. Renovaram-lhe as toalhas dos altares e a cal das paredes, o sólho e o tecto, bancadas e lanternas. E era gozo dos olhos vél-a, toda branca, por entre as arvores erguidas em torno, e com um ar de alegria e mais alta espiritualidade, como na antevisão de uma vida nova, cheia de luz e de gloria...

\* \* \*

O ponto de reunião donde os fiéis deviam partir para o encontro era a residencia do vigario, ao largo da Matriz, uma casinha de fachada verde, com amendoeiras á frente e jardim ao lado. A's nove da manhã já transbordava de gente e os homens refluíam para a sombra das arvores, afim de que as senhoras ficassem mais bem accommodadas. Entretanto, só excepcionalmente uma ou outra das pessoas que iam chegando deixava de, embora a custo, penetrar a sala onde se offerecia á admiração geral o rico andor que se destinava á honra insigne de trazer o Padroeiro.

O andor resplandecia ao centro da sala, fartamente enfeitado de galões, ostentando uma vasta polychromía de fitas e flores, cuidadosamente presas a um fundo de sêda azul-celeste.

—Que encanto! Que belleza de tra-

lho ! E' um primor ! Crivavam-no de elogios. A's moças que o haviam feito, e que pertenciam ás melhores familias da terra, não faltavam aplausos dos mais vibrantes.

Finalmente, ás 10 horas, abalou o vultuoso cortejo, por entre o crebro estalar dos foguetes e ao som do Hymno Nacional executado com entusiasmo pela «Harmonia Maranhense», nome da charanga da villa. O andor, conduzido aos hombros de quatro robustos latagões, luzia, como um solio de oiro, ao vivo esplendor dos raios solares. De quando em quando, encorporavam-se ao cortejo grupos endomingados e risonhos, postados de espera ás margens do caminho. Eram pessoas da grande familia matuta, em cujo coração ainda existe, desanuveada de toda a duvida, com a crença perfeita em Deus e nos santos, a certeza plena da Outra-Vida. E aquellas que, por qualquer motivo, não tinham podido fazer o mesmo, e residiam á vista da estrada, quedavam á porta das casas, olhando-o, num enlevo, até que a multidão dos romeiros desapparecia ao longe, entre as arvores, ou na descida de alguma lombada...

O sol, entretanto, já se aproximava do zenith, sem que o encontro se désse. Os romei-

ros começavam a inquietar-se. Teria acontecido alguma coisa ao portador da imagem? Segundo fôra combinado, elle devia ter partido, na madrugada daquelle dia, da fazenda dos Montes-Altos, a sete leguas da villa. Porque, então, estava a demorar-se daquelle modo?

A preoccupação era de todos, mas havia diversos que se mostravam animados e procuravam tranquillizar aos demais. Occorrera alguma coisa inesperada, mas que não tinha importancia, haviam de ver. Provavelmente o Zeferino não encontrara os animaes a tempo de sair de madrugada. Não havia de ser outra coisa. Ora logo quem! O Zeferino! Não se incommodassem, que elle, de um momento para o outro, appareceria em uma volta do caminho.

Com effeito, pouco tardou que o conductor da imagem apparecesse na estrada, ao longe, alto e ruivo, tangendo uma carga. Era elle, não restava duvida! E houve um sussurro, um rumor alegre, em que se confundiam todas as vozes na mesma vibração jubilosa. Foguetes e vivas atroáram o espaço e a philarmonica executou o Hymno de Santo Antonio, que fôra composto para a festividade do anno anterior.

Com pouca demora, o Zeferino se viu rodeado, interrogado, effusivamente saudado. Como estava? Correra bem a viagem? Porque não pudéra chegar mais cedo? Nada sofrera o santo, com o transporte? Estava perfeito?

Uma velha, que havia ficado á distancia, na impossibilidade de se aproximar, bradava:

—O' gente! Desafoguem o homem! Onde já se viu isto? Que desespero! Afastem-se, com os demonios, Deus me perdôe, que assim nem elle pôde botar a carga abaixo! E fazem uma algazarra! Que coisa! Parece que nunca viram uma imagem!

Quando o rumor serenou, foi que o Zeferino pôde falar. Sim, estava bom, fizera bôa viagem. Quanto á demora que tivera, fôra propositada. Quizera mesmo vir devagar, remanchando...

Houve um espanto e em todos os semblantes a expressão da mesma pergunta:

—Remanchando por que?

O Zeferino estava sensivelmente contrafeito. O circulo, em torno delle, tornou-se ainda mais apertado e compacto.

—Era certo, viera mesmo remanchando, porque... queriam saber? porque estava até com vergonha de os encontrar!

Tornou-se maior a surpresa da vasta companhia.

—Mas porque, homem de Deus? perguntou alguém. O santo não veio?

—Veio... mas foi uma de todos os diabos! Veio, mas a carga está vasia, porque não foi necessaria! Querem ver o santo?

E arrancou de uma das amplas algibeiras do palitô de riscado, onde se abrigava cuidadosamente embrulhada, a imangeninha de um frade, que depois verificaram não ir além de 18 centímetros, o qual sustinha em um dos braços um minuscule Menino-Deus de cabellos de oiro.

—Sim, senhores, ali estava a rica imagem de quasi um metro de altura, que tinham pedido da cidade de Lisboa! Pelo menos, era a que lhe haviam entregue em Caxias! Até andara perto de não a receber, de indignado que ficara! Sim, senhores, uma de cabo de esquadra!

O santinho começou a andar de mão em mão, no meio de um immenso desconsôlo. Ninguem se podia conformar com aquella extraordinaria fatalidade. Havia quanto tempo não se falava em outra coisa, na villa e em toda a freguesia? E tantos preparativos, tanta alegria, tamanho entusiasmo! E o padre Hil-

debrando? E com que cara entrariam na villa, conduzindo o andor vasio, porque não haviam de levar um santo tão pequeno dentro de um andor tão grande?

Cessara o foguetorio, emmudecêra o Hymno de Santo Antonio. Ninguem tinha alma para ouvir estalos de bombas e notas de musica, depois de uma daquellas!

E, quebrando o silencio de subterraneo, pesado e oppressivo, que se estabeleceu por minutos, principiaram os commentarios em torno do lamentavel acontecimento. Lembaram-se varias hypotheses para explicar a substituição do tamanho da imagem. Uma, finalmente, foi admittida por todos como verdadeira: o culpado fôra o telegrapho. Por força, houvera engano na transmissão ou no recebimento do telegramma. Parecia impossivel, de certo, confundir oitenta com dezuito. Mas não podia existir a minima duvida a respeito: havia sido o telegrapho a causa de tudo!

A hypothese fôra sugerida pelo sacerdote, que a reforçava atribuindo o erro á intervenção do diabo, com toda a certeza interessado em estragar a alegria e o brilho da trezena.

—Artes do diabo, fiquem sabendo! Se o proprio telegrapho não parece outra coisa!

Tornou-se maior a surpresa da vasta companhia.

—Mas porque, homem de Deus? perguntou alguem. O santo não veio?

—Veio... mas foi uma de todos os diabos! Veio, mas a carga está vasia, porque não foi necessaria! Querem ver o santo?

E arrancou de uma das amplas algibeiras do palitó de riscado, onde se abrigava cuidadosamente embrulhada, a imagenzinha de um frade, que depois verificaram não ir além de 18 centimetros, o qual sustinha em um dos braços um minusculo Menino-Deus de cabellos de ouro.

—Sim, senhores, ali estava a rica imagem de quasi um metro de altura, que tinham pedido da cidade de Lisbôa! Pelo menos, era a que lhe haviam entregue em Caxias! Até andara perto de não a receber, de indignado que ficara! Sim, senhores, uma de cabo de esquadra!

O santinho começou a andar de mão em mão, no meio de um immenso desconsôlo. Ninguem se podia conformar com aquella extraordinaria fatalidade. Havia quanto tempo não se falava em outra coisa, na villa e em toda a freguesia? E tantos preparativos, tanta alegria, tamanho entusiasmo! E o padre Hil-

debrando? E com que cara entrariam na villa, conduzindo o andor vasio, porque não haviam de levar um santo tão pequeno dentro de um andor tão grande?

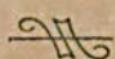
Cessara o foguetorio, emmudecêra o Hymno de Santo Antonio. Ninguem tinha alma para ouvir estalos de bombas e notas de musica, depois de uma daquellas!

E, quebrando o silencio de subterraneo, pesado e oppressivo, que se estabeleceu por minutos, principiaram os commentarios em torno do lamentavel acontecimento. Lembraram-se varias hypotheses para explicar a substituição do tamanho da imagem. Uma, finalmente, foi admittida por todos como verdadeira: o culpado fôra o telegrapho. Por força, houvera engano na transmissão ou no recebimento do telegramma. Parecia impossivel, de certo, confundir oitenta com dezuito. Mas não podia existir a minima duvida a respeito: havia sido o telegrapho a causa de tudo!

A hypothese fôra sugerida pelo sacristão, que a reforçava attribuindo o erro á intervenção do diabo, com toda a certeza interessado em estragar a alegria e o brilho da trezena.

—Artes do diabo, fiquem sabendo! Se o proprio telegrapho não parece outra coisa!

E, envoltos no mesmo ambiente de desconsolada tristeza, tornaram para a villa, que os esperava engalanada e festiva, e onde á noite haveria, depois da reza na igreja, um grande baile em casa do capitão Felisbello...





## NO SERTÃO

---

Já era quasi noite, quando chegámos—lá nos sertões—a um pobre casebre, cujo dono sem demora appareceu á porta saudando-nos, offerecendo hospedagem e logo auxiliando o cargueiro a pôr as malas abaixo.

Era um preto velho, chamado Bazilio, que naquella noite esteve muito tempo a conversar commigo e a contar casos da sua vida.

Francamente, não eram casos de grande importancia, e por isso não os guardei de memoria. O de que estou bem lembrado, é a idade delle, tão desconforme com a força e a saúde que apparentava e sobretudo com a lucidez do que dizia.

O velho Bazilio nascera em 1813—fazia

um seculo—e não se recordava de haver sofrido jamais uma doença que o tivesse prostrado por muitos dias.

E a vida nem sempre lhe correra bonançosa. Houvera tempo em que padecera o seu bocado. Basta dizer que fôra escravo, tinha pertencido a varios senhores e nem todos elles haviam sido bons,—«com o perdão de Deus».

Pouco antes de dar as bôas noites para se recolher, foi á porta que levava ao interior do casebre e chamou o João... creio que era João. Veio um mulato, bem moço e robusto, que o velho Bazilio apresentou como seu filho, com expressão de contentamento.

—Não tinha mais de vinte annos, e era aquelle rapagão que se via! Talento, só ali, naquelles braços! Aquillo era um toiro!

—Então, é seu filho ? !

Elle mandou que o João se retirasse, e, sorrindo, me disse que não era eu o primeiro que se admirava. Mas era seu filho, não havia duvida ! E achava que, depois daquelle, ainda podia ter tido outros !

Encerrou, em seguida, a conversa, contando coisas a respeito da balaiada, em que um dos seus senhores estivera envolvido.

No dia seguinte, muito cedo, appareceu-

nos o velho, que nos saudou com um *louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo!* Vinha prazenteiro. Dormira bem a noite, que fôra fria, mas que lhe não trouxera nem sombra de rheumatismo.

Quando se tratou de pôr as malas acima, fez questão de auxiliar o cargueiro—para mostrar que o que lhe faltava não era força.

—Muito bem, amigo Bazilio! Vossê é um homem forte!

—Já vê meu sinhô... E riu, olhando o João, que chegava. Depois, accrescentou que tinha pena de que eu não lhe visse a roça,—que era grande, que era bonita, e onde o arroz estava pendoando!

Vinha nascendo o sol, quando deixamos o pateo do casebre do velho Bazilio, que sorria desejando Nossa Senhora nos acompanhasse, e que ali se ficava, naquellas distantes solidões sertanejas, satisfeito com a sua força, orgulhoso dos seus cem annos, e talvez sem outro amor que o do filho e o da roça bonita, que se enchia de pendões, em breve da cor do sol...



## ENTRE BICHOS

---

Era uma vez um homem do qual toda a gente affirmava ser a mais caritativa das criaturas humanas. Ainda ninguem conhecera um coração que tanto se condoesse dos infortunios alheios. Fôra riquissimo, e chegara a ficar tão pobre como os mais pobres, porque tudo o que possuira havia distribuido em beneficio dos necessitados. Era o Homem Bondoso por excellencia. E tão farto e tão abundante jorrava o manancial da sua caridade, que desbordava sobre todo o ser que pudesse vibrar a uma dor—fosse elle um cedro, fosse uma formiga. Isto se dizia daquelle homem, e com exageros cada vez maiores.

Nesse tempo, ainda os animaes dispu-

nham da graça de se exprimirem por meio de palavras. E um dia que, á sombra de grande arvore e á beira de lindo arroio de aguas murmuropas, uma crescida assembléa delles palestrava, na mais expansiva camaradagem que entre bichos é possivel admittir-se, veio á balha a magnitude do espirito daquelle ser excepcional. Todos os da companhia se excederam em elogios capazes de maravilhar uma pedra. O cavallo affirmou que elle o salvara de um atoleiro donde já estava convencido nunca mais havia de sair. A onça rugiu que uma feita, do alto de um barranco, elle não a matara, porque não quizera. Tinha-a visto muito bem, estava armado de espingarda,—ella quedava distrahida ao fundo de uma gruta,—e depois se retirara com uma expressão de doçura no pallido semblante. Fôra isso o que lhe dissera depois o canalla de um papagaio que tudo presenciara e não a quizera prevenir a tempo de fugir ou se esconder.

Esta declaração da onça commoveu profundamente. O proprio tamanduá-bandeira—nada accessivel ao enterneçimento—sentiu pelo espinhaço um calafrio de emoção. E não ficaram nestes os extraordinarios casos que foram referidos. Muitos ainda se relataram,

avultando entre os mais impressionantes o exposto pelo macaco.

Disse o macaco, fazendo rir a todos com os seus tregeitos de bôbo de rei, que certa manhã, sentindo-se disposto, mais do que nunca, a levar a vida na troça, cogitava, sentado em um galho de faveira que passava por cima do caminho da villa, cogitava de pregar uma peça, que ficasse memorável, a um parente que, na vespera, o ia fazendo encavacar na presença de varias macacas. A scis-ma já ia longa, mas tambem o plano da bella pandega já estava completamente delineado, e por isso, de alegre, vibrava todo dos pés á cabeça, quando surgiu o homem caridoso de uma dobra do caminho. Bicho não vive que resista aos impulsos mais fortes da propria natureza, e, assim, naquella manhã, não lhe fôra possivel perder a oportunidade de começar o seu dia... De modo que, no momento exacto de o homem passar por debaixo da arvore, elle, como um authentico malabarista, arranjou meios de ficar á dependura e mandar-lhe ao rosto, irreverentemente, com o rabo, uma esplendida e segura chicotada. Aconteceu, porém, que, com o esforço, perdeu o equilibrio, coisa nunca vista em macaco, e caiu sobre o homem, o qual, mais ra-

rido que o vento, o agarrou pelo pescoço, premindo-o com alguma violencia e a bem visivel intenção de evitar uma possivel mordidella. Ninguem podia avaliar o que sentira, naquelle instante que não esqueceria jamais. Teria chegado ao fim da vida ? Iria morrer ? perguntara a si mesmo, tremulo e apavorado. Decerto, decerto ! que uma injuria daquelle natureza não havia no mundo quem a pudesse perdoar ! Pois a verdade é que se enganara completamente ! Passado o primeiro momento de surpresa, o homem bondoso lhe déra na cabeça uns pequeninos piparotes de afago, sorrira com expressão de regalada pachorra, e o deixara ir embora !

—Na verdade, concordou, ainda uma vez, a assembléa, num entusiasmo ruidoso e prolongado, na verdade, aquelle mortal era o que se podia desejar de sublime ! Outro não existia que de leve se lhe aproximasse em elevação espiritual !

Só a raposa, dentre os presentes, não tomava parte nas louvaminhas do grupo. Calada, a um canto, ouvia tudo aquillo com um arzinho irritante de duvida e de desdém. Dir-se-ia que a raposa tinha má vontade á fina perola humana cuja pureza os companheiros não se cançavam de preconizar.

Perguntou-lhe o burro, benevolamente, assim a modo de quem se dispõe a illuminar uma consciencia, o que queria dizer a estranha attitude em que ella se mantinha, attitude injustificavel naquelle momento em que se fazia o louvor de um justo.

A raposa arregou o focinho em um sorriso de profunda zombaria, e respondeu que aquelle justo não havia de ser tão perfeito como diziam. Ella gostava o seu tanto de observar as coisas da vida, já correra mundo, já sofrera bem amargas desillusões, e não era assim com duas conversas que se deixava enganar.

—Vossê—accrecentou—quasi todos vossê eram capazes, pelo que vejo, de fazer o que fez o corvo quando lhe enalteci a belleza da voz.

Houve uma troada medonha de protestos de indignação. O caso do corvo, que, para mostrar a belleza da propria voz, abrira o bico e deixara cair o queijo, estava ainda na ordem do dia, occorrera fazia uma semana e viera estabelecer, como verdade absoluta, que elle era o mais estupido de todos os voadores. Pungente insulto, portanto, exprimiam as palavras da raposa. O bode chegou ainda a avançar para dar-lhe uma cabeçada, o

que não fez graças á intervenção do carneiro.

Serenado um pouco o tremendo barulho, ouviu-se a voz do burro censurando á raposa o insupportavel scepticismo em que ella vivia mergulhada. Com certeza ainda ninguem conhecera um vivente mais incredulo, que mais duvidasse de tudo. Assim tambem não! Elle concordava em que a gente não fosse tão simples que admittisse quanta caraminhola se lhe quizesse metter na cabeça. Concordava! Mas tambem nada havia de peor do que passar uma creatura a vida inteira desconfiando de tudo e de todos! E era isso exactamente o que acontecia com a raposa! Era ella capaz de negar a luz do sol, quando essa luz estava a alumial-os?! Como então negar a bondade suprema daquelle homem, se todos os seres intelligentes—homens e bichos—eram unanimes em affirmal-a ? Com os demonios! Assim tambem não !

Muitos bravos e uma estrondeante salva de palmas se confundiram com as ultimas palavras do burro, que, tranquillo, se ficou a contemplar a raposa, como á espera do effeito produzido.

Mas a raposa ouviu... e riu. O burro era um poeta! Vivia no reino da lua! Ella ra-

posa ia mais uma vez illuminar-lhes a intelligenzia, preparando-os melhor para os dias futuros. Ia mostrar-lhes como estavam redondamente enganados, deixando assoberbar-se de crença tão absoluta na perfeição de um homem ! No dia seguinte lhes daria a demonstração irrefutavel de que tinha razão em não ser tão confiada como elles. E, visto que essa prova não podia, por motivos muito especiaes, ser exibida na presença de todos, pedia que apontassem um bicho cujo testemunho lhes merecesse toda a confiança, o qual a acompanhasse na excursão que devia realizar para cumprir o que lhes prometia. Aceitavam ?

—Vá que seja ! disse o burro, depois de meditar alguns minutos. Vá que seja !—annuiram os outros. E escolheram, para seguir com a raposa, um guaxinim que adquirira fama de honesto e verdadeiro.

No outro dia, logo cedinho, partiram os dois.

—Olha lá !—disse a raposa ao companheiro. Procura não ser visto, corre quando eu correr, pára quando eu parar, e, se me enterrarem, desenterra-me !

—Muito bem !—respondeu o guaxinim. Sabia perfeitamente a raposa que o ídolo

dos camaradas costumava, todos os dias, entre as oito e as dez horas da manhã, dirigir-se a umas casinholas afastadas cerca de meia legua da choupana onde morava, e, chegando ao caminho que elle havia de percorrer, parou, em certa altura. O guaxinim retirou-se para o matto e ficou a pequena distancia della, escondido detraz de uma touceira de macambira.

Minutos depois, appareceu o homem bondoso. Immediatamente a raposa deitou-se na areia da estrada e ali ficou numa paralysia de morte. Elle chegou, e, ao vel-a, exclamou, penalizado :

—Coitadinha! Infeliz raposinha! De que terá morrido a pobrezinha! Vamos enterra-la, para que a não comam os urubús.

E deixou-a sepultada em uma cova de mais de um palmo de profundidade, a alguns passos da estrada.

Mal que elle se afastou, o guaxinim desenterrou a companheira, que, fazendo um rodeio, foi correndo cair inanimada uns vinte metros adiante do seu bem-feitor.

—Outra raposinha morta! —disse elle, estacando, ao avistal-a. Enterremola, coitada.

E deixou-a, perto do caminho, em um tumulo de quasi um palmo de fundura.

Foi-se o Caridoso, e outra vez a raposa, dessepultada pelo fiel guaxinim, correu, para fingir de morta á beira de um pequeno riacho que elle havia de atravessar.

—Mais uma! —disse o homem, quando a viu. Que será isto? Acaso estarão as raposas morrendo de peste?

E esteve pensando se lhe daria sepultura ou se a deitaria na corrente. Mas, como a agua podia ficar envenenada, o seu bondoso coração opinou pelo enterramento. E inhumou-a debaixo de um monte de folhas, junto a um tronco de gamelleira. Depois, apprehensivo, transpoz o riacho e se foi embora.

A raposa livrou-se das folhas, riu para o guaxinim, e correu mais uma vez, para mais uma vez *morrer*.

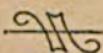
Quando o Caritativo a encontrou de novo, afastou-a da estrada com o pé, num gesto de aborrecimento, e passou avante.

—Ora! não podia levar o dia inteiro sepultando raposas! Tinha mais que fazer!

—E então?! perguntou, triumphante, a raposa ao guaxinim, por entre um enorme frouxo de riso. Não é o que eu dizia? Agora vamo-nos, e descreve a elles o que viste, para que aprendam a ser menos simples.

E foram-se. E até muito longe ainda re-

soaram as gargalhadas que ia soltando o experimentado animalzinho, cujo scepticismo, ao que se conta, ficou, desse dia em diante, ainda maior e mais profundo.





## O VARIOLOSO

---

Um calafrio de pavor, um medo como o da guerra ou da fome, ganhara aquelles corações sertanejos. Lá vinha a peste, lá vinha a variola ! Santo Deus ! E se, com effeito, a commissão de medicos mandada pelo governo para a debellar, não conseguisse que ella ficasse circumscripta aos pontos onde se manifestara ! E se ella invadisse a villa, ceifando existencias, enlutando os lares, determinando o exodo, para longe, de numerosos dos seus habitantes, e isolando-a, cada vez mais, pelo horror que havia de causar a sua proximação !

Sabia-se que os facultativos estavam trabalhando activamente; que não descansavam no esforço consagrado ao serviço da extinc-

ção do flagello. Mas nem por isso menor se tornava o receio de que elle alcançasse a pequena localidade, sempre tão silenciosa e tão calma, á beira do seu rio tranquillo, á sombra das suas velhas arvores amigas. Quem sabia lá ! A vigilancia mais activa era susceptivel de se deixar illudir, o mais puro clima estava sujeito ás investidas e ao negro assédio da grande calamidade. Quem podia adivinhar o que iria acontecer ?

E a variola tornou-se o assumpto supremo de todas as conversas, a preocupação de todos os espiritos, a causa de todos os pesadelos.

Morava na villa um velho Sylvano, pobre cerebro de continuo visitado pela visão aterradora de todas as molestias, curiosissima criatura que tinha a originalidade de tomar uma pilula do dr. Maia toda a vez que ouvia o sino da igreja dobrar a finados. Esse velho Sylvano, mal aos ouvidos lhe chegaram os primeiros rumores de que a peste invadira alguns lugares no caminho de Caxias, começou a dormir sobre saltado, a povoar-se de sinistras cogitações, a não falar mais de outra coisa. Naquelle tempo, vivia meio retrahido, elle, que sempre fôra muito andejo, ao mesmo tempo que um insigne ta-

garella. Desgostos da vida o tinham modificado algum tanto. Pois, com a noticia da peste, voltou a ser o mesmo agitado passeador de outrora e o mesmo conversador impenitente. O terrivel assumpto operara essa rapida metamorphose. Recomeçou a percorrer as ruas desde pela manhã até á noite, entrando de casa em casa e discutindo com todos os conhecidos as possibilidades da temerosa invasão e as medidas que o intendente municipal—sempre tão vagaroso em tudo!—e a policia—cada vez mais descuidada dos seus deveres!—deviam tomar, afim de proteger o povo da villa.

Um dia, ganhou vulto a nova de que certo pedreiro, muito conhecido na localidade, estava com febre alta e com o corpo coberto de empôlas.

—Seria verdade? Se fosse, estavam com a variola!

A população inteira vibrou assustada diante dessa duvida e dessa conclusão. E havia justissimas razões para isso. Effectivamente, se sobreviesse infortunio tamanho, que era que fariam? De que recursos poderiam valer-se, que lhes permittissem lutar contra elle? De pharmacia, possuiam apenas uma pallida apparencia, e não tinham nem

ao menos um medico. A perspectiva era de veras de aterrorizar.

Sylvano, com essa noticia, tomou-se de uma assustadora perturbação de nervos. O seu pavor chegou ao zenith, ascendeu a proporções extraordinarias. E passou a consultar o pulso a todo o instante, a mirar a pelle, a ver-se ao espelho, a olhar a lingua. Então, deu de evitar a rua e de fugir o mais possível ao contacto das outras pessoas. Não estivessem contaminadas e não o fossem contaminar! O melhor era ficar-se em casa! Estaria mais garantido! E o seguro morrera de velho!

Certa manhã, em seguida a uma noite mal dormida, sentiu que não estava com a pelle como dantes e que tinha o pulso muito agitado. Pulou da rête com os olhos escancarados e gritou pela mulher e as filhas.

—Que é, homem? — Que é, papae? — perguntaram-lhe, cheias do susto que lhes causara a voz e continuava a causar-lhes a attitude do velho.

—E' que me parece que estou com a coisa!

—A coisa?!

—Sim, a coisa, respondeu, receoso de di-

zer o nome da molestia. Vejam se não tenho febre e se não estou com a pelle grossa ! Já até princípio a sentir dor nos olhos e na cabeça !

A mulher e as filhas, que muito bem o conheciam, procuraram acalmal-o. Aquillo era impressão ! era nervoso ! elle não tinha nada ! Febre ? Nem signal. Pelle grossa ? Jamais a possuirá mais fina e macia !

Elle não se convenceu. Queriam enganá-lo, mas era inutil ! E, voltando á rête, começou a gemer.

Percorreu logo toda a localidade o boato de que o velho Sylvano estava prostrado com bexigas. A esse tempo, a Intendencia já havia deliberado adoptar umas tantas medidas que lhe pareciam necessarias para defender a populaçao contra o flagello. Já havia, por exemplo, telegraphado para Caxias pedindo lhe fosse remettida a lympha de Jenner, e, prevenindo a hypothese de que alguma pessoa se manifestasse com a doença, fizera construir, a uma legua da villa, uma casa de palha que serviria de isolamento, e que, depois, havia de ser queimada. A Intendencia, portanto, assim que teve conhecimento do estado de Sylvano, agiu logo, de combinação com o delegado de policia, no

sentido de o remover para o improvisado hospital.

Era, porém, preciso, primeiramente, verificar a exactidão do boato. Um curandeiro da terra, que já tivera bexigas e possuía um velho *Diccionario de Medicina* de Pedro Chernoviz, foi encarregado de visitar o doente e de o examinar. O homem achou-lhe, na verdade, alguma febre. Mas não seria constipação? Não estaria o Sylvano fazendo de um argueiro um cavalleiro?

— Qual argueiro, nem qual cavalleiro! Era certo que, na vespera, apanhara no quintal um ligeiro respingo. Mas não se enganava com febre de constipação. O seu caso era outro, sentia-o perfeitamente. Já tinha visto mais de uma pessoa doente de bexigas, e, ou era muito feliz, ou então estava com a molestia.

O curandeiro voltou para dizer que não lhe parecia se tratasse de variola. Mas não garantia! não assumia a responsabilidade! E o melhor seria prevenir!

De certo que era melhor prevenir que remediar. A sua opinião revelava-se a mais prudente. E, por isso, pouco depois chegava á casa do enfermo uma intimação para que o entregassem, afim de que fosse recolhido ao

Isolamento, onde ficaria sob os cuidados de duas pessoas que se encarregariam de o tratar. E estivessem descansados, que nada lhe faltaria !

A familia de Sylvano protestou revoltada e chorou aos gritos. Aquillo era uma violencia inqualificavel ! Haviam de ver que, no dia seguinte, já elle estaria de pé ! Então que dernorio de loucura era aquella ? Em que terra se encontravam ? E onde já se viu tamanho disparate ?

O Sylvano, este então, é que ficou num desespero sem nome. Ir para o Isolamento ? Deixar a villa e a familia ? Não ! nunca ! Entretanto, a providencia municipal ainda mais o convenceu da gravidade do seu estado de saude. Contaram-lhe que o curandeiro fôra quem aconselhara a medida, e morreu-lhe no espirito a vaga sombra de esperança que se misturava aos negros terrores que o dominavam. Estava perdido, certamente ! Não se enganara ! E, como esse pensamento o levasse á consideração de que, ficando, poderia contagiar a familia, acabou resignando-se á exigencia das autoridades. Tinham razão ! Iria para onde o quizessesem levar !

Foi aquelle um dia de juizo em casa do Sylvano, que, ás 4 da tarde, lá seguiu, mui-

to embrulhado, dentro de uma rête. Ficaram-lhe a mulher e as filhas em ataques e em lagrimas, e grande parte da localidade se abalou para—á distancia—ver-lhe passar o triste corpo condemnado.

—Deus te cure!

—Pobrezinho!

—Tão bom que elle é, coitado!

—Valha-nos Deus! E se a coisa se espalha, que será de nós?

—Credo! Nem é bom falar nisso!

Ladeada por estas e outras exclamações, a rête, com os homens que a levavam e com o Sylvano, que chorava dentro della; alcançou as derradeiras casas e desappareceu aos olhos da villa consternada.

\* \* \*

O caso do velho Sylvano aterrorizou a toda a gente. S. Sebastião passou a ser invocado de instante a instante e em varias casas começaram a fazer-lhe novenas. Uma atmosphera de medo pesava sobre os eorações. E como o exilado fôra o toque de rebate que levara os espiritos áquelle estado, o seu nome entrava em quasi todas as conversações.

—Como iria o pobre velho? Teria melhorado? Estaria peor? Já teria morrido?

Toda a localidade se interessava por elle e pedia noticias a seu respeito. Durante os tres ou quatro primeiros dias subsequentes á sua retirada, sobre elle se espalharam as mais desencontradas novas. Melhorara ! Estava peor ! Morrera ! Ficara doido ! O diabo... Mas a verdade era bem outra.

A verdade é que o Sylvano não estava doente de bexigas. Verificou-o elle proprio logo no dia seguinte ao em que chegou ao Isolamento. A febre fôra-se. Aquillo não passara de um resfriado, que os seus nervos haviam entrajado de peste. E, ao comprehendel-o, banhou-se-lhe o coração de infinita alegria, de indizivel sensação de felicidade. Não tinha nada, evidentemente não tinha. Desapparecera-lhe a dor de cabeça, batia-lhe o pulso regularmente, estava bom, em-fim !

Mas, ao mesmo tempo que desse modo se deliciava o Sylvano, por entre os lençóes, pois a manhã era fria, invadia-o, pesando arrobas e aguando-lhe a felicidade, o pensamento do muito que haviam de rir e troçar na villa á sua custa, quando o soubessem já de volta com tamanha presteza e sem sombra de doença. Havia de ser uma caçoada geral ! Passariam a chasqueal-o de to-

dos os modos e maneiras ! E pôz-se a ruminar, procurando uma solução salvadora.

Com pouca demora, sentindo-o acordado, aproximou-se-lhe da rête o casal de pretos velhos que fôra encarregado de o tratar.

—Como passava senhor Sylvano ? Como se sentia ? Estava melhor ?

O Sylvano, que acabava de encontrar uma saída para evitar a vergonha que receava quasi tanto como á propria variola, respondeu que não estava nada bom ! que o corpo e a cabeça continuavam a doer-lhe cada vez mais !

Os velhos pediram-lhe o pulso.

—Depois, depois ! Não me toquem agora !

E assim passou o primeiro dia. No seguinte, resolveu diminuir a gravidade da molestia. E á familia, quando, em nome desta, veio da villa um rapazinho saber do seu estado, mandou dizer que ia melhorando com os remedios. Porque o Sylvano continuava ingerindo as beberagens que lhe davam os seus enfermeiros.

Apenas no quarto dia se resolveu a declarar que a variola «havia abortado», e que estava restabelecido. Como, entretanto, afim de dar mais evidente aspecto de verdade á men-

tira de que se soccorrera, era preciso fingir resguardo por algum tempo, somente no oitavo dia regressou á localidade, onde a familia o recebeu chorando de contentamento, e onde não lhe faltaram abraços e parabens pela felicidade de haver escapado.

Não tardou, porém, que principiasse, lavrando cada vez mais viva, uma forte descrença em relação á molestia do Sylvano. Por fim, ninguem mais acreditava nella, á excepção talvez dos pretos velhos que o haviam acompanhado, e que, argumentando com o caso, não se cansavam de enaltecer a excellencia das suas mézinhas.

—Qual variola ! Aquillo não fôra mais do que uma ligreira indisposição, que os pavores do grande nervoso haviam exagerado escandalosamente ! Variola ? Pois sim ! Então variola era brincadeira ?

Diziam coisas que taes ao proprio Sylvano. E tanto bastava para que elle ficasse vermelho de colera, e chegasse mesmo — o Sylvano, tão commedido ! — á violencia dos improperios e á rudeza dos palavrões.

Aquellas bexigas tornaram-se-lhe, para o resto da vida, um objecto de carinho, que elle defendia como quem defende o cofre do seu thesoiro ...



## ALMA TORVA

---

O Jorge havia chegado á villa vendendo joias. Era um arabe em plena juventude, com pouco mais de vinte annos, moreno e bem apessoado, um excellente rapaz em quem a gentileza nas maneiras traduzia menos o desejo de agradar á freguezia, do que a doçura de um espirito simultaneamente confiado e timido, quasi ingenuo, por vezes.

Fazia duas semanas que ali se encontrava, e já era seu intimo um quitandeiro da localidade, Silverio Xavier, individuo acaboculado, de olhar esquivo e pallido semblante, com um pronunciado prognatismo e sorrisos quasi sempre apenas esboçados na commissura dos labios grossos e sensuaes.

Insinuara-se, pouco a pouco, no animo

de Jorge, devido a inspirações que a este ofereciam probabilidades de bons negócios, por meio de convites para que fosse jantar em sua companhia e graças ainda a pequenos presentes que, a quando e quando, lhe mandava. Jorge, por fim, o considerava um amigo e em tudo seguia os seus conselhos.

Um dia, Silverio Xavier offereceu-lhe a casa para que nella fosse morar. Estaria assim mais a commodo, nada lhe faltaria. Não era casa de rico, mas não lhe havia de desaprazer. Era bastante espaçosa e elle ficaria no seu quarto inteiramente só e livre do inconveniente de sair para fazer as refeições, o que não deixava de ser um aborrecimento. Nada como a vida em família. Vacillava? Mas não tinha razão para isso. Nem elle, nem a sua gente, eram de ceremonias, e o que lhe dizia vinha do coração.

Cedendo a esse convite, que varias vezes se repetiu, o arabe installou-se na casa do quitandeiro, onde o receberam com a mais viva cordialidade as demais pessoas da família—a mulher do Silverio, uma cunhada e duas creanças. Naturalmente constrangido nos primeiros dias, acabou sentindo-se à vontade com os seus hóspedes, que o tratavam

com simpleza e sincero agrado. As creanças, então, o deleitavam, e com ellas gostava de brincar nas horas vagas, no que, ás vezes, fazia tambem de creança, acompanhando-as em corridas pelo quintal, trepando ás arvores para, de cima, atirar-lhes alguma fructa, arranjando-lhes chapeus de gazetas, arapucas para pegar passarinhos e outros brinquedos.

Já havia decorrido uma quinzena que ali se achava, quando o quitandeiro, uma manhã, o procurou no seu quarto para lhe propor «um bom negocio»: resolvera comprarlhe todas as joias que ainda lhe restavam. Não se admirasse do caso. E' que, seindo-lhe preciso ir ao alto-sertão, dentro em pouco tempo, a tratar da venda de umas terras que de nada lhe serviam e pelas quaes acreditava encontraria preço vantajoso, porque eram das mais propicias á lavoiria e á criação de gado, valia a pena aproveitar a oportunidade para ganhar mais alguns cobres. De uma via faria dois mandados: venderia as terras, e, com as joias, disso estava bem certo, realizaria um negocio de primeira ordem. O Jorge visse em quanto podiam ellas importar.

O arabe, que, havendo deixado a rede,

se sentara ao pé do quitandeiro, perguntou-lhe admirado :

— Então o sr. Silverio quer comprar as joias ?

— Quero, sim, e todas. Vamos ver a quanto montam. E é negocio a dinheiro, pode dizer-se, porque, de hoje a tres ou quatro dias, vossê terá a importancia no bolso.

O Jorge empallideceu, achando—pois se era tão inesperada !—achando muito exquista aquella resolução do quitandeiro, que nunca lhe falara em semelhante viagem e não lhe parecia dispuzesse de dinheiro para o pagamento das joias. Mas não exteriorizou as suas apprehensões senão nas linhas do rosto e na inquietação do olhar, que perdera a serena limpidez habitual. O Silverio notou-lhe a vacillação do espirito, onde lutavam, desencontradamente, o receio do prejuizo e o vexame de se recusar a condescender com a proposta. «Ora, o palerma !» Aquella perplexidade intimamente o irritou.

— Vamos, Jorge, e com franqueza: quer ou não quer o negocio ? Olhe que as vantagens são maiores para vossê do que para mim. Comtudo, se não lhe convem...

O Jorge resolvera. Não era possivel que aquelle homem o quizesse enganar. Não era

possivel ! Ergueu-se, foi á mala em que estavam as joias, abriu-a e pôl-as á vista do quitandeiro. De seguida, apreçou-as, uma a uma. Importavam em quatro contos de réis.

—Muito dinheiro, Jorge, disse o comprador. Quatro contos de réis ! Não estão nada baratas. Mas convêm-me, porque espero que me darão muito mais. Agora, tenha paciencia por uns tres ou quatro dias, como lhe disse, e veja papel para o documento.

—Documento ? E para que ?—perguntou o arabe. Não era preciso. O sr. Silverio merecia-lhe toda a confiança. O que desejava—acrescentou—era poder estar de regresso dentro de cinco dias, até segunda ou terça-feira da outra semana, conforme já havia resolvido. Tinha grande pressa de voltar á cidade.

—Descanse. Não o prejudicarei de modo algum. Não ha-de demorar por minha causa. Questão apenas de concluir um certo arranjo, afim de poder completar o dinheiro.

O Silverio Xavier, ou se enganara nos calculos que havia feito, ou mentira, porque se passaram os dias de que falara, e alguns outros, sem que se effectuasse o pagamento das joias. O arabe, consternado, não sabia o que fizesse. Falara sobre a venda a diversas

pessoas da villa e recebera as menos lisonjeiras informações a respeito do caracter do quitandeiro. Era um mau sujeito, diziam-lhe. Não costumava pagar o que devia, e delle murmuravam-se coisas muito graves. Ali chegara fazia alguns annos e ninguem sabia com segurança de onde viera. Certa occasião—houve quem presenciasse o facto—um individuo das bandas de Pernambuco encontrou-o na rua e gritou-lhe: O' Pedro! Elle se lhe aproximou, disse-lhe alguma coisa em voz baixa e seguiram os dois juntos a conversar. No dia seguinte o homem se foi embora, e na villa nunca mais ninguem o viu. Suppuzera-se, com razão, que ali havia mysterio, talvez o segredo de um crime, e que elle se tivesse deixado subornar pelo quitandeiro. Não, não era bôa coisa, aquelle sujeito!

Entretanto, um dia, por occasião do almoço, o Silverio disse ao arabe que podia fazer as suas despedidas, pois até á noite, sem duvida, receberia os quatro contos de réis. Faltavam-lhe apenas, para completar essa importancia, uns quinhentos mil réis, mas esses, elle os obteria, com certeza, até ao anoitecer, visto como, em ultimo caso, recorreria ao meálheiro das creanças, onde ainda não quizera tocar. Tratasse de se despedir,

porque, se o desejasse, poderia partir pela fresca da madrugada.

Contentissimo, disse o arabe que, efectivamente, aproveitaria a madrugada, hora das melhores para viajar. E em continente procurou preparar-se para a partida. Saiu a dizer adeus aos conhecidos, fez algumas compras e á noitinha recolheu-se a casa com a alma recobrada e feliz.

Pouco depois appareceu-lhe o Silverio que, apresentando muitas desculpas, lhe disse haviam surgido difficuldades inesperadas, devido ás quaes apenas podia pagar-lhe dois contos e quinhentos mil réis. Mas não queria, de modo algum, ficar a dever-lhe. Rogava-lhe, portanto, aceitasse o resto em joias. Fazia aquillo muitissimo contrariado, mas, como o Jorge não ignorava, casos havia que podiam mais do que a lei.

O outro concordou. E que o Silverio não se vexasse. Rehavendo as joias, elle não sofreria nenhum prejuizo. Pois se até já estava disposto, antes de lhas vender, a voltar com todas ellás !

Em seguida, e após a liquidação do negocio, foram para a sala de jantar, em que estavam as demais pessoas da casa e onde o Jorge demorou a conversar até ás 10 horas da

noite, quando se recolheu para dormir. E foi de todo absorvido no pensamento do proximo regresso que adormeceu, para talvez entregar-se a algum sonho luminoso, como os que sóem sonhar aquelles que estão na primavera da vida.

\* \* \*

—Endoideceste, homem de Deus?! Aonde vaes?! Perdeste o juizo?!

—Silencio, mulher! cala-te! rouquejou o Silverio. Tinha deixado que a casa adormecesse, levantara-se cauteloso, munira-se da sua *pajehú*, de lamina comprida e afiada, e ia transpondo a porta do quarto, quando o fez estacar a voz da mulher, que elle imaginara dormindo, e que se erguera da rête, livila e tremula.

—Cala-te! — repetiu.

—Estás doido! Só estando! Valha-me Nossa Senhora! Aonde vaes, Silverio? Pelo bem de teus filhos, vem deitar-te! E caíu num grande choro soluçado, angustiada expressão do horror immenso que ao espirito acabava de lhe trazer a visão de sangue que deante delle de repente se desenhara, como perambreira que, ao clarão de um relampago, subitanea se abrisse debaixo dos pés de descuidado viajor.

Elle voltou alguns passos, medonho. Que poderia haver que o demovesse da idéa que o dominava naquelle momento ?

—Silencio, já te disse ! — rugiu baixo. Não me faças perder a cabeça ! Vamos, deita-te !

E ganhou o corredor, encaminhando-se para o quarto correspondente ao seu, do outro lado da casa. Esse quarto comunicava com o do arabe por meio de uma porta de que o Silverio tinha a chave. O arabe dormia a somno solto. De ouvido collado á fechadura, o quitandeiro escutou-lhe por alguns instantes o resomnar tranquillo e profundo. Depois, volteou, subtilmente, a chave, e a porta girou nos gonzos, de leve.

Não lhe vacillaram os passos ao transceder-lhe os batentes. A luz vaga de uma lamparina alumiaava o pequeno aposento e punha em relevo o semblante do rapaz adormecido. Prestes, o Silverio achou-se ao pé da rede, a executar o seu designio. Aquillo foi instantaneo ! Um gorgolejar de angustia saíu da garganta do arabe, que elle acabava de ferir fundo. Algumas punhaladas, rapidas, completaram a obra maldita, fazendo daquelle corpo novo, que escabujava na agonia derradeira, um pobre cadaver donde revia sangue

abundante a avermelhar a rede e a embeber-se na terra batida do pavimento.

O Silverio assistiu ao ultimo estremecimento daquella vida com a impassibilidade da fera que saciou a fome na carne ainda palpitante da preia que espostejara: nem um músculo se lhe contraíu no rosto pallido, onde os olhos, quasi vitreos, parados, luziam com a luz mortiça dos olhos de um sonnambulo.

De subito, violentamente, a porta, que estava semi-cerrada, se abriu de todo para dar passagem á figura desvairada da mulher do homicida, o qual se voltou, num movimento repentina, como se despertasse de um lethargo.

Ella se encostara á parede, aos soluços, cobrindo o rosto com as mãos.

— Que horror, Silverio! que fizeste! Quando te imaginei capaz disso! Ou estás doido, ou és um monstro! Só um doido ou um monstro podia fazer tamanha malvadeza! Ai, o pobrezinho!

Os soluços cortavam-lhe a voz e recrudesciam. Elle correu a amparal-a.

— Doido! Doido por que? Não grites! Doida és tu! Pois não vês que isto não é nada? Na guerra, mulher, matam-se milhares e nem por isso vem o mundo abaixo! E ninguém saberá!

Ella se debatia, procurando fugir-lhe.

—Basta, basta! —rosnou elle, encolerizado. Vamos para o quarto. Pareces creança. Nem que o gringo fosse teu irmão. Ora, accommoda-te. Já não te disse que isto não vale nada? Esse teu choro é um disparate. Aquillo não prestava, era uma peste, fica sabendo. Não faz falta nenhuma.

Conseguindo escapar-se-lhe, ella correu a abraçar os dois filhinhos, que acordaram, muito assustados.

—Que é, mamãi? —perguntou o mais velho.

Continuavam as lagrimas a jorrar-lhe dos olhos, como de fonte inexaurivel. Tinha as feições transtornadas pelo sofrimento e os soluços saíam-lhe agora mais abafados, embora mais longos, mais gemidos.

—Mamãisinha, que é? —tornou a perguntar a creança, quasi chorosa.

Ella não respondeu e continuou a apertar cada vez mais os dois filhos nos braços tremulos, como se elles somente na vida lhe restassem e somente nelles pudesse encontrar allivio ao immenso desconsolo, ao immenso infortunio em que se lhe abysmava o coração.

O Silverio, vendo-a afastar-se, não pro-

curou demoral-a, deixou-a ir, conservando-se por instantes á porta do aposento. Depois, voltou para onde estava o cadaver, envolveu-o na propria rede em que elle se encontrava, pôl-o ao hombro e se encaminhou para o fundo do quintal. Ahi chegando, abriu-lhe um tumulo, onde o inhumou, num pedaço humido de terra ladeado de bananeiras. Seguidamente, levando comsigo a mesma enxada com que fizera de coveiro, tornou-se ao quarto, onde commettera o assassinio, e onde, revolvendo a terra batida do pavimento, procurou apagar as largas manchas de sangue que a enrubravam.

Findo esse trabalho, cuidou de mudar a roupa, de lavar as mãos e o rosto, de alimpar-se, enfim.

Quando se deu por satisfeito, voltou ao quarto de dormir.

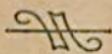
A mulher continuava chorando, abraçada aos filhinhos, agora adormecidos.

— Deita-te e dorme, creatura. Que demônio de choro é esse que não se acaba mais! Não passas de uma grande tola, não ha dúvida.

E estirou-se na rête. Tinha somno. Idéas agradaveis volutearam-lhe, por momentos, no espirito acalmado: ganhara bem o seu

dia, economizara dois contos e quinhentos mil reis, e ninguem jamais desconfiaria de coisa alguma, porque o Jorge, áquella hora, segundo o pensar de toda a villa, já devia seguir no rumo da cidade... E adormeceu.

O relogio, na sala visinha, deu quatro pancadas. Gallos cantavam. Nas ruas, mergulhadas em treva, reinava silencio absoluto. As ruas eram a imagem da consciencia do Silverio.





## JUIZES...

---

Tanto que se acharam na sala secreta, aonde os levara o dever terrivel de julgar, reuniram-se em torno da mesa e um delles declarou que votava para presidente no *seu* Justino. Os outros concordaram em voz unanime e *seu* Justino foi eleito para presidir ao conselho de sentença.

O escolhido agradeceu a honra. Achava-a superior aos seus merecimentos, era o primeiro a reconhecer-o, mas obedecia á vontade dos collegas. Sentia-se incompetente para desempenhar o cargo, mas, com a ajuda de Deus, havia de se arranjar «o negocio».

Suffocava. O calor, intenso, fazia ferver o sangue nas veias. E, como elles não eram capazes do estoicismo dos homens da cidad e,

os quaes, por gosto, desde pela manhã até a noite, se deixam torrar dentro das casimiras e enforcar dentro dos collarinhos, logo se libertaram das gargalheiras e tambem dos palitós. Isto feito, abancaram-se novamente, e o Justino, em voz tarda, gaguejando por vezes, começou, para que todos o ouvissem, a ler os quesitos a responder.

—Vossês entenderam? — interrogou, ao fim da leitura. Bem,—acrescentou,—vou ler outra vez, para que vossês percebam melhor.

E leu de novo, agora mais desembaraçadamente. Em seguida, limpando os oculos, vagaroso, com ar concentrado, perguntou-lhes o que pensavam a respeito.

—*Seu* Justino—disse então um dos jurados—pode vosmecê fazer o que quizer. Depois nós assignamos. O que vosmecê fizer está bem feito. E, voltando-se para os outros:

—Os amigos não acham?

Os outros concordaram. O Justino é que devia fazer tudo. Elle era o mais competente dos doze, era o mais velho, e, além disso, tinha pratica, porquanto já entrara em conselho de sentença.

—Assim tambem é o diabo!—disse o Justino, sopesando a vastidão das suas responsabilidades.

— Não, senhor! E' o que vosmecê fizer. Nós não entendemos do riscado. Concordamos com tudo.

— Emfim, como vossês querem...

E o presidente leu outra vez os quesitos formulados pela autoridade. Eram varios e complicados, tão complicados como o crime sobre que versavam. Antes de se recolherem, o juiz de direito havia-os procurado orientar a respeito do modo como os deviam responder, e parecia-lhe que comprehendera bem as suas palavras. Agora, porém, recorria á memoria e verificava que de tudo se esquecera. Não se lembrava de coisa alguma. Estava um sacco vasio. Mas, então, como sairia da entaladela? A nenhum dos companheiros podia pedir auxilio, porque todos elles estavam em situação ainda peor do que a sua. Recorreria ao juiz? E se, depois, não obstante a explicação, ficasse no mesmo embaraço? Se accaso de novo se esquecesse, o que lhe estava parecendo o mais certo? Com seiscentos demônios! Mas como fôra que a coisa se lhe antolhara muito menos difficult do que era na verdade?

Quasi uma hora depois, não adiantara nem um passo e ainda mais apoquentado se sentia.

—Seu Justino, olhe que já é tarde,—lembrou-lhe um dos collegas. Vamos logo acabar essa historia !

O presidente, embora suando frio e seriamente incomodado, não queria dar o braço a torcer. Seria uma vergonha, uma desmoralização, não se desempenhar da tarefa. Dahi em diante, que juizo não ficariam todos elles a fazer da sua pessoa ?

—Esperem, tenham paciencia. Isto não vai a correr, e mesmo eu já estou um pouco olvidado da coisa, que é levada da breca. Vossês não fazem uma idéa !

E, de cabeça entre as mãos, o Justino, suado e cheio de amargura, sentia-se no meio de treva cada vez mais compacta. Era o chaos biblico, a sua pobre cabeça ! Nem uma vaga scintilla vinha dar-lhe uma esperança na noite em que se debatia.

Por fim, com o desalento no coração, anciioso de liberdade e sem coragem de continuar em tamanha tortura, resolveu ceder á fatalidade e declarar que estava deante de um caso difficilimo, superior ás suas forças. Aquillo—não o dizia por causa da letra, que, apesar de miseravel, sempre entendera—aquillo não eram quesitos, eram uma desgraça !

—Mas como havia de ser? perguntaram-lhe os companheiros.

O Justino, atrapalhado, lembrou que o unico recurso de que dispunham era pedirem o auxilio do juiz. Não havia outro remedio. Era massante, era o diabo, mas era o geito!

—Vossês querem saber? —disse um delles. Eu vou-me embora, que não sou de ferro. *Inté* logo. Já *tou* farto de prisão. Elles que *desmanche* o seu *embrujo*. Eu é que não *tou* disposto a ficar aqui *inté* de noite. E, depois de vestir o palitó e de metter no bolso o collarinho e a gravata, abriu uma janella que dava para o quintal da casa e por ella, sem mais ceremonias, desappareceu em dois segundos.

Os que ficaram entreolharam-se surprehendidos e mais ou menos escandalizados com o caso. Mas o alvitre começou a sorrir a varios delles, que o adoptaram por sua vez, marchando na esteira do fugitivo.

O Justino, a principio, quiz evitar a deserção:

—Não façam isso! Olhem que é proibido! E' crime!

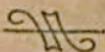
Os seus protestos, porém, eram dos mais frouxos. Elle já não tinha capacidade para dar opiniões. Desmoralizara-se de todo em to-

do. E, assim, não custou muito que ficasse inteiramente só.

A esse tempo, começaram a bater á porta. Era o juiz que, impaciente com aquella demora tão grande, mandara saber se os do conselho não desejavam algum conselho.

Ouvindo as pancadas, o Justino, envergonhado, apavorado, e sem coragem de enfrentar a autoridade, tomou uma resolução heroica: fugir também!

E fugiu. De modo que, momentos depois, quando a porta foi arrombada, não encontraram, do conselho de sentença, nenhum outro vestigio, além de algumas pontas de cigarro espalhadas pelo chão, e, sobre a mesa, os complicadíssimos quesitos formulados pelo doutor juiz de direito...





## UM TYPO

---

Tinha sessenta annos, talvez.

Na villa todos o estimavam, pois de ninguem era desconhecida a excellencia das suas qualidades.

Morava com uma irmã tambem idosa, na sua pequena casa da Tresidella, sobranceira ao rio, do qual a separava o extenso quintal plantado de laranjeiras.

Dispunha de alguns bens de fortuna, que zelava cuidadoso e lhe permittiam vida calma e independente. Mas não era avarento. Dava esmolas e rejubilava com a prosperidade dos outros.

Era amigo da leitura, bem que não possuisse muitos livros. Tinha-os, porém, escondidos, tomada a palavra no ponto de vista

do seu gosto formado na convivencia de Escrich, Alexandre Dumas e os primeiros românticos portuguezes e nacionaes. Queria, com affecto especial, a Fagundes Varella, Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo. Entre as obras mais do seu agrado, occupavam lugar eminente as de Julio Verne, algumas das quais, como as *Aventuras de tres russos e tres ingleses*, pouco faltava para que soubesse de cór, não somente pelo muito que as havia lido, como principalmente porque era dotado de memoria admiravel. Por signal que, estimando a elogiassem, se comprazia em repetir aos intimos o entrecho dos romances que conhecia e versos dos poetas que lhe eram predilectos. Havia tambem, na sua estante, um exemplar da Biblia, em forma sa encadernação de cantos doirados, presente que lhe fizera o seu compadre vigario.

Nunca se via entristecido o semblante do Lima, cognome por que era conhecido geralmente. Um bem-estar continuo desenhava-se-lhe na physionomia serena. Dava a impressão de ser uma das raras pessoas que vivem neste mundo plenamente satisfeitas com o que lhes coube em partilha. Fazia lembrar aquelles versos do risonho

Anacreonte, traduzidos pelo visconde de Castilho:

Um velho alegre me apraz,  
E apraz-me um rapaz bailando;  
Das cans a cor pouco faz;  
Velho que baila cantando,  
Parece velho e é rapaz.

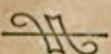
Não que elle bailasse. Não se dava a esse divertimento. Mas porque o seu espirito, cheio de mocidade, era amigo da alegria e dos festejos da juventude. Raramente, por isso, faltava aos bailes da boa sociedade da terra, bailes em que a sua presença era uma necessidade, porque, com elle, nessas ocasiões principalmente, andava sempre de companhia a musa da anecdota e do gracejo.

Mas a grande, a suprema affeição do Lima eram as creanças. Aquelles mimos de Deus! Adorava-as, fazia de pai-avô da meninada. E a sua unica prodigalidade consistia em dar-lhes vintens e comprar-lhes doces e brinquedos.

Ellas, por sua vez, mostravam estimal-o. Iam-lhe á casa e, quando o viam na rua, não deixavam de aproximar-se, desejando-lhe os afagos, e, ainda mais, os vintens. São assim

as creanças, e nisto ha entre ellas e os adultos uma parecença extraordinaria.

Guardo vívida na lembrança a figura do Lima, baixo e frouxinho, sempre vestido de brim pardo, com evidentes manifestações de saúde no rosto moreno, relativamente pouco envelhecido, e como que ainda ouço a voz com que elle gostava de perguntar, quando saudava a gente nova: «Então, como vai essa mocidade?» Pergunta que talvez já não faça, porque talvez já não viva...





## O SACRIFICIO

---

Era um descrente; era um atheu. As religiões não passavam de formas transitorias da eterna e pávida incerteza dos homens deante dos enigmas da natureza. Deus era uma fantasia filha do medo e explorada pelos padres de todos os tempos, como excellente fonte de renda, inexhaurivel e profunda. Immortal, a alma? Sim, immortal, mas da mesma immortalidade da materia que se combina para formar as cellulas cerebraes, e apenas consciente em quanto por estas corria o vermelho fluido da vida. Crera, em creança, quando ainda não podia mergulhar na analyse das coisas e dos phenomenos. Depois, havia lido, estudara, aprofundara, e vira, claramente vista, a immensa illusão em que ain-

da se deixa embalar a maioria dos homens, cegos sem guia no ermo do mundo misterioso. E, do que aprendera, tão intima e visceralmente se havia convencido, que não resistira ao desejo de o dizer em livro. Não concorreria desse modo, talvez, para diminuir os infortunios á pobre familia humana; mas diria a verdade, o que lhe parecia a verdade irrefutavel e absoluta. E os livros succederam-se-lhe, de sciencia e de arte; e, dentre elles, um sequer não havia, onde, ou principalmente, ou secundariamente, não estivesse em evidencia o seu modo de considerar a génese e as manifestações do sentimento religioso.

Um dia, começoou de amar uma mulher. O seu espirito era terreno propicio assim ás idéas como aos sentimentos profundos. E o seu amor tornou-se exclusivo e supremo. Para sentir-a feliz, faria tudo, ainda os maximos sacrificios. Daria por ella a propria vida, e, a vel-a verter uma lagrima ou soltar um gemido, era capaz de preferir a perda de annos de alegria ou de gloria.

Mas, sobre essa mulher, ai delle e della ! pesava uma hereditariedade carregada e torva, e, poucos annos depois de se juntarem sob o mesmo tecto, principiaram a surgir inillu-

diveis symptomas de lepra, deformando aquelle rosto, que era lindo, aquella epiderme, que era divina. Elle abria bem os olhos num prolapso de dor e de espanto, duvidando de que fosse possivel tão negra desgraça. Mas, com o correr dos dias, a tremenda verdade tornou-se de todo evidente. E o seu padecimento foi-se avolumando, e chegou a montanha, ao lado da dor da triste mulher amada. Magua indizivel e infinita! Nasceram-lhe, por esse tempo, as primeiras brancas, e foi por esse tempo que, em homem, elle chorou pela primeira vez.

O mal horrivel progredia, entretanto, e um dia foram obrigados a separar-se, indo ella para um hospital de lazarios, com a carga illimitada das suas amarguras,—e sem uma esperança. Nem ao menos lhe restava o amparo da religião, porque na sua alma elle havia instillado o scepticismo inteiro da sua philosophia. Não de proposito; e sim pela extraordinaria influencia que sobre ella exercia tudo o que delle emanava, quanto nascia da sua penna ou dos seus labios. E elle, que debalde procurava remediar-lhe a dor da alma, dando á sua treva a lua de um consolo, o sol de uma illusão, de pesar ainda mais sombrio deixou-se assoberbar. Fôra o culpado, fôra

o culpado! Coitada, que seria della agora, sem esperar mais cousa alguma do mundo, onde já não cabia, e onde, nos ultimos tempos, vivera tão cheia de amor e felicidade! Oh, era preciso dar um allívio áquelle inenarravel soffrimento. Mas que allívio podia ser esse? A sciencia não era nada perante a allucinadora enfermidade, e para a desditosa tambem já não havia nenhum lenitivo de ordem moral. Quando se retirara para a leprosaria, dissera-lhe, em soluços, que a sua tristeza era sem remedio, porque bem sabia nunca mais viveriam juntos, nunca mais se ameigariam no amplexo de duas existencias nascidas uma para a outra. Vinha de tal convicção, principalmente, a sua inconsolavel dor. E quando, querendo subtrail-a áquelle angustia, elle,—sem saber ao certo o que dizia, e á semelhança de um naufrago procurando apoiar-se a qualquer corpo que lhe passa ao alcance da mão,—lhe falou da Outra-Vida, onde as almas dos dois para sempre haviam de permanecer numa indissoluvel intimidade, ella respondeu-lhe, com um sorriso que lhe retratava o coração lacrimoso:

—Mas tu bem sabes que a Outra-Vida é uma illusão!

Sim, elle bem o sabia. Mas para que o

dissera e disso a convencera ? E que outra esperança podia dar-lhe a ella algum alento, na noite sem termo da sua desventura ? Doíalhe aquelle erro como o remorso de uma falta sem remissão. E entrou de dominal-o sem treguas, crescendo de momento a momento, agigantando-se com os dias e com as noites mal dormidas, o arrependimento da sua campanha de iconoclasta. Agora, que philosophia era susceptivel de minorar a agonia da pobre creatura, a não ser a que affirmava a immortalidade da alma, se, como ella havia declarado, a sua grande magoa vinha da certeza da eterna separação ?

E o remorso em que vivia, e a necessidade de apaziguar o soffrimento da mulher amada, levaram-no, pelos caminhos asperos de magnos desesperos, a negar o seu passado, a desmentir-se, a dizer á infeliz que, até então, vivera mergulhado no erro. Era um peccador que se penitenciava. Um tolo orgulho é que o fizera descrente. Uma absoluta ignorancia é que o tornara atheu. Ao espirito agora lhe surgiam, a uma luz inteiramente nova e muito mais brilhante, os phenomenos e os problemas da Vida. A alma era immortal ! Deus era a verdade das verdades !

E quando ella, com o olhar doloroso, lhe

perguntou se não era aquillo uma fraude piedosa para a consolar, e se, de facto, estava convencido do que lhe dizia,—elle se tornou admirável de eloquencia para a compenetrar de que não a enganava, e no intuito de provar-lhe haver definitivamente emergido do Erro e da Duvida para a plena aurora da Verdade Perfeita. Queria ella certificar-se da sua sinceridade? Pois bem; ia ver como os seus livros futuros seriam a refutação completa e vitoriosa dos seus livros publicados. Ora, ella o sabia incapaz de trair as suas convicções. Como, pois, admittir que elle, sem uma certeza de todo inabalavel, se aventurasse ao trabalho de destruir pela base um edificio que erigira durante annos e annos e tanto renome lhe havia conquistado? Ia ver a coragem com que lutaria em prol do seu novo credo!

E não tardou que, por entre o espanto de toda a gente, aparecesse o seu derradeiro livro, trabalho vigoroso de apologia do Christianismo, livro de apostolo, pleno de fortes e profundas vibrações. Inspirara-o o amor de uma mulher infeliz. Tecera-o a Piedade, realizando o prodigo de desviar um destino para suavizar uma dor...



## O PÁ-VIRADA

---

Naquelle rude sertanejo, crassamente ignorante, redondamente analphabeto, havia uma alma de fibra excepcional. Era elle um sujeito mui diferente dos demais em pensamento e acções. Parece que, para ser uma dessas individualidades revolucionarias, um desses espiritos demolidores que não respeitam preconceitos e se destinam, afim de abrir novos caminhos, a fazer escombros e deitar abaixo idолос dos mais venerados, não lhe faltou senão a cultura, o meio, a oportunidade. Poderia ter sido um innovador em sciencia, em arte, em literatura... Daria talvez um anarchista. E dahi, quem sabe? tambem era possivel não ter passado de coisa alguma. Ha inumeras vocações que se desviam irremediavelmente.

O seu nome, poucos o conheciam. Chamavam-lhe o Pá-Virada, e elle gostava da denominação. O *Pá-Virada* queria dizer o *destabocado*, o *levado da breca*, o *cabra da rête rasgada*.

Era pauperrimo. Nem por isso, entretanto, dispunha menos da sua liberdade. Às vezes passava na villa muitos dias seguidos. Outras vezes desapparecia, sem dizer o rumo que levava, e ninguem o via durante meses e mezes. Um anno, fazia uma roça,—era lavrador. Outro anno, passava-o em viagens, como positivo, ou se alugava para acompanhar boiadas á feira das Pombinhas.

O dia seguinte não o preocupava. Satisfazia-lhe a certeza de comer e vestir no dia que ia vivendo. No imediato, não valia a pena pensar, pois bem podia acontecer que não chegasse a avistar-lhe o brilho do sol. Como se vê, uma nova e interessante edição de Diogenes, abrolhada muitos seculos depois da primeira em plena selva dos confins do Maranhão.

Diziam-no corajoso, mesmo impassivel deante de qualquer perigo. Não soffria que o molestassem. Mais de uma vez, por isso, vibrou em cima do proximo o cacete ou o punho pesado, que tinha fama de valer o mes-

mo que um alentado porrête de massaran-duba. Certas ocasiões, no entanto, ao ouvir um desaforo, ria com superioridade e continuava o seu caminho, como se aquillo não fôra consigo ou fosse apenas um leve gra cejo. No mais, era casado, tinha uma filha e morava cerca de seis leguas distante da villa.

Contavam-se, a respeito do Pá-Virada, numerosas passagens memorandas. Esta era uma das mais celebradas: estando com uma febre violenta, ministraram-lhe forte dóse de quinino. A febre não passou, e deram-lhe outra no dia seguinte: o resultado foi o mesmo. Chegado o terceiro dia, trouxeram-lhe terceira dóse.

—Não! disse elle, esta não vai. Não me julgo de assucar, para tomar tanto amargo. O que eu sinto é calor, muito calor. O meu remedio é agua fria.

E, não obstante os pedidos da filha e da mulher, ganhou o quintal, encaminhou-se para o rio que passava perto, e nas suas aguas deu repetidos mergulhos.

Perguntou-lhe a mulher, depois, se aca so ficara maluco. Respondeu que febre é fogo, e que, para apagar o fogo, a agua estava acima de tudo. Curou-se, e reiterou, em outras

opportunidades, a desatinada façanha, que, parece, de uma dellas abriu ás suas extravagancias o vasto scenario mysterioso do outro mundo. Elle ignorava a existencia do padre Kneipp, jamais ouvira falar em Kuhne. A sua hydrotherapia era toda intuitiva, e, portanto, formidavelmente heroica.

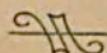
O que de mais extraordinario se passou na vida do Pá-Virada, foi o modo como elle casou a filha. Esta ficara noiva de um roceiro visinho, e o casamento não se faria senão d'ahi a mezes, quando chegasse á villa o capuchinho esperado da Barra do Corda. A vinda do frade, porém, foi-se tornando excessivamente demorada. Quem sabia lá? era até possivel que elle não viesse mais aquelle anno. Ora, o Pá-Virada já andava irritado com a demora. E, quando sobreveio a noite de S. João, encontrando-se o futuro genro em sua casa e entrando o assumpto em conversa, elle concebeu uma das suas originalissimas idéas: abbreviar o casamento, realizando-o em torno da fogueira que havia no terreiro.

Os noivos e a mulher do Pá-Virada escandalizaram-se com a proposta: nunca houvera coisa mais monstruosa nem mais estapafurdia! Mas elle, com a força da sua autoridade, achou meios de os convencer da ex-

cellencia do processo, e d'ahi a pouco effe-  
ctuava-se o enlace ao clarão das labaredas,  
sob a luz das estrellas, com o testemunho de  
S. Pedro, S. Paulo, S. Felippe, Sant'Iago e  
todos os santos da côrte do céu...

Em seguida ao acto, o Pá-Virada acabou  
com os derradeiros escrupulos da mulher e  
dos nubentes argumentando que os casamen-  
tos feitos pelos padres haviam tambem come-  
çado pelo primeiro. Depois, ou bem que aquel-  
les santos valiam perante Deus, ou bem que  
não valiam. Mas, neste caso, melhor seria que  
não fossem santos...

—Não, senhores! Estão muito bem ca-  
sados, vâo embora e sejam felizes!





## DUAS ALMAS

(PAGINA ROMANTICA)

«... Digo a suprema verdade. Não o duvides. Quero-te infinitamente e dóe-me não encontrar na lingua a phrase que exprima o sentimento que me inspiras. Entrego-me ás vezes á leitura dos poetas de mais elevada idealização, daquelles que confessaram os seus affectos em linguagem mais eloquente, mais sonóra e mais bella. Attentamente os leo e profundamente me irmano com a alma delles. Pois queres saber?... Em nenhum jamais encontrei a alta e perfeita expressão do que sinto por ti. O meu amor paira acima de tudo, do tempo e do espaço; é infinito. E quem foi que já soube descrever o infinito?»

Elle respondia assim, ainda uma vez, á eterna duvida do coração da noiva. Ella se

lhe dedicava com um amor immutavel, sempre o mesmo, nascido havia muito e que era a esséncia da sua vida. Mas, de quando em quando, uma sombra descia a poistar no seu coração inundado de sol. Acaso o noivo a illudiria, embora illudindo a si proprio? Aca-so não a amava, supondo embora o contrario? Julgava-o incapaz de a enganar inten-cionalmente. Mas bem o sabia um fantasista, muito facil em se deixar arrebatara nas azas de um sonho passageiro. E se não fosse ou-tra coisa a origem dos seus protestos e ar-roubos de apaixonado?

Se esta fosse a verdade, morreria de pesar. E era porisso, pelo receio de tamanho infortunio, que buscava sondar o coração do noivo. Não lhe bastavam a caricia das pa-la-vras e os juramentos de fidelidade.

\*\*\*

A casa da moça ficava a pequena distan-  
cia e bem á vista da estrada real que, a uns  
cem metros á esquerda, desapparecia numa  
curva, encoberta pelo mato, rumo do povoado  
proximo.

Elle ahí vinha, quasi todos os dias, ver a  
linda rapariga morena. Das quatro para as  
cinco horas da tarde, já ella o estava espe-  
rando, ou á janella, ou á sombra da grande

arvore do terreiro espaçoso e alvadío, que olhava para a campina, em cujo limite, ao longe, se estendia, cerrada, a linha ondeante de um brejo. E a sua chegada era, para os dois, uma alegria ineffavel. Para ella principalmente, que, nos momentos em que o tinha ao lado, sentia a felicidade maxima da vida.

Habitualmente, o moço regressava ao povoado á hora do sol-pôr. Davam-se as mãos no instante da partida, e ficavam, enamoradamente, a contemplar-se e a dizer um ao outro coisas suaves e promissoras. Depois, montado, elle seguia, e, sempre, ao chegar á curva da estrada, parava, para voltar-se, e mandar á encantadora sertaneja uma derradeira e risonha saudação... E esse ultimo gesto ficava na memoria della, indelevel, banhando-a de ventura, até apagar-se, desfeito na alegria maior de o ver de novo, no outro dia...

Uma tarde, chegando á volta do caminho, elle não lhe mandou, levando os dedos aos labios, o doce adeus do costume. Inexplicavelmente, desapareceu sem se voltar, numa contradicção flagrante com o que, havia pouco, lhe dissera.

O que ella padeceu, com isso, a palavra

não o revela de modo perfeito. Era um ser de extrema delicadeza, uma sensibilidade das mais finas, e, assim, aquelle procedimento do homem amado encheu-lhe o coração de uma surpresa profunda e acabrunhadora. Que significava aquillo? Eram justos, então, os receios que intervalladamente a assaltavam?

—Ah, elle não a amava!

E recolheu-se a casa, em lagrimas, presa de inconsolavel afflição.

Quando elle chegou no dia seguinte, ella appareceu-lhe, empallidecida, outra creatura, de todo transfigurada. Elle, inteirado da causa do soffrimento que aquella mudança logo revelava, perguntou-lhe se não o vira apressar a marcha ao cavallo, quando ia chegando perto da curva. Não vira? Pois fôra o caso que, attingindo aquelle ponto, ouvira adeante uma tropeada e sons de musica. Logo comprehendera que era um bando de ciganos que deixara no povoado e se retirava. Dois delles —um cigano e uma cigana—vinham tocando. A cigana tocava rabeca, o seu instrumento predilecto. Era uma artista, a vagamunda, uma artista admiravel! Ouvindo-os, procurara aproximar-se do bando, com quem já havia travado conhecimento. E na pressa... Mas não era possivel que ella visse, em coisa tão

simples e tão inocente, uma premeditada indelicadeza, ou uma prova de desamor.

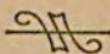
A moça encarou-o então em silencio, e lacrimosa. Depois, abriu o coração :

—Bem eu duvidava da energia dos teus sentimentos. A quem ama devéras não acontece o que a ti te aconteceu. Esqueceste-me, assim que me deixaste, enlevado pelos sons do violino de uma cigana ! Como dizias que me amavas ?

E mais disse, e perderam-se-lhe, entre soluços, os derradeiros vocabulos tremulos.

Elle fez tudo por convence-l-a de que estava enganada. A moça, porém, flor melindrosa, nascida para um mundo impossivel, melhor e menos aspero, deixou-o, imagem viva da dor, para nunca mais lhe aparecer.

E elle se foi embora, sem comprehender o mysterio daquella alma, devéras assombrado de haver quem, de coisas tão pequeninas, extraísse consequencias tão extraordinarias.





## PLANO QUE FALHA

---

O Carlos Silveira, que era um rapazola inteligente e espirituoso, nem por isso deixava de ter as fraquezas lisamente humanas dos namorados em geral. Devêras apaixonado pela Bellinha Azevedo, uma encantadora morena do Caminho-Grande, que por elle também se desfazia em extremos de amor, o Silveira, de dias em dias, tinha *uma desconfiança* dos olhos brejeiros da rapariga, que ás vezes lhe pareciam demorar-se em outros olhos com a mesma ternura com que se volviam para os seus. E havia scenas entre os dois, em que a Bellinha procurava innocentar-se e elle clamava contra a versatilidade da alma feminina, «que muito bem conhecia ! conhecia de sobra, especialmente nos ultimos tempos ! ma-

ximè desde o dia em que se tinham falado pela primeira vez!»

Se eram justas as desconfianças do rapaz, é o que se não sabe; mas a verdade é que os namorados ciumentos soffrem de uma especie de diplopia que lhes faz ver as coisas sempre exageradas em numero e tamanho.

Certa noite achava-se o Silveira em casa da Bellinha, onde se festejava o baptizado de uma boneca, de que elle fôra convidado para padrinho. A' ceremonia, apparentemente feita consoante ao ritual da Igreja, e em que elle e a madrinha—a namorada—como que se sentiam mais presos um ao outro por força daquelle identidade de destinos espirituaes, seguiu-se animado saráu dansante, para o qual tinham sido convidadas diversas familias da bôa sociedade maranhense.

Par de Bellinha em quasi todas as valsas e contradansas, o Silveira resplandeceu de felicidade até cerca de 11 da noite, quando chegou um retardatario—o Luciano, quartanista de medicina havia pouco vindo do Sul e namorador insigne.

Depois dos cumprimentos do estilo, o academicó, de sorriso nos labios, aproximou-se da Bellinha, a quem tratava com a familiaridade costumada entre primos, que realmente

o eram desde formosa noite de S. João dos seus tempos de meninice. E começou entre os dois uma alegre parlenda em que elle contava da vida academica do Rio, da pompa do ultimo carnaval, dos bailes em que estivera, e sobretudo da quasi completa indifferença com o que o seu espirito passara por tudo aquillo, menos devido aos cuidados do estudo, que á viva saudade do seu velho Maranhão, tão cheio de poesia, e onde havia tão lindos olhos, os mais lindos que elle já admirara... Os da prima, por exemplo...

Bellinha gostava da jovialidade do quartanista e ria com as suas anecdotas e galanices, contente e despreocupada, num esquecimento absoluto das torturas que pudessem naquelle momento andar abalando a alma do namorado.

E, de feito, no coração do Silveira bramia a convulsão de uma tempestade. O pobre rapaz, desde a chegada do Luciano, perdera toda a graça, e fôra postar-se no vão de uma janella, a observal-os, agitado e nervoso, numa hypercrise de ciúme e de revolta contra todas as falsidias e todos os D. Juans. Já desde muitos dias elle andava a antipathizar com aquelle sujeitinho, que lhe parecia tão pendente e pretencioso. Já observara a frequen-

cia dos seus passeios no bonde da Estação, todas as tardes, invariavelmente. Já sabia do interesse com que elle se empenhara por obter convite para os jogos esportivos de domingo, no *Athletic Club*, jogos a que a Bellinha assistia sempre, em companhia do pai. E de todos esses indicios lhe vinha a clara certeza de que o academico procurava conquistar-lhe a namorada, para ter assim mais uma victoria a registar no ementario canalha das suas victorias faceis de alambicado peralvilho. O que elle merecia eram uns quatro sôcos fortes acompanhados de um aviso para que mudasse de futuro a apelintrada vidinha. Se não fôra a sua posição social, e o receio de um escandalo, já lh'os teria talvez applicado. O safadinho precisava sem duvida de uma lição em regra !

Mas acabava de vêr que não devia ser por causa da Bellinha que elle Silveira se faria o executor da bôa justiça. Não, de certo, que ella estava ali aos seus olhos a mostrar-se toda desvanecida e regalada com as patacoadas amorosas que naturalmente lhe estava a dizer o casquilho. Se ella gostava de taes bajoujices, é que eram dignos um do outro, e o que elle devia fazer era deixar quanto antes aquella casa. Sim, era o que fa-

ria naquelle mesmo instante, e principalmente porque, se por mais tempo ali permanecesse, podia não se conter e dar lugar a uma scena desagradavel. Aquillo era simplesmente revoltante e indigno !

E foi uma surpresa para os donos da casa o sêcco *bôa-noite* do Silveira, «que sentia não poder demorar-se por mais tempo, visto achar-se devéras incommodado. Que lhe dessem licença. Tinha forte dor de cabeça, era o começo de uma enxaqueca terrivel, que de tempos em tempos o atormentava».

A Bellinha aproximou-se, vexada, surpreendida com aquella inopinada resolução do namorado, de quem acabava de ver o inesperado movimento de despedida. E nem pôde falar-lhe, porque elle, atirando cumprimentos para a direita e para a esquerda, já transpunha a porta do corredor que dava para a rua, apressado, sem attender a que lhe pediam «ficasse um pouquinho mais, enquanto se lhe fazia um chá... »

\* \* \*

O Silveira não pôde dormir aquella noite, na tortura em que viera da casa da Bellinha e cheio de um supremo nojo da vida e das infinitas perfidias humanas. Mas uma coisa o alentava, como a delicia de uma vingan-

ça : o ter saído sem despedir-se della, numa vibrante ostentação de soberano despreso, que havia de ter-lhe doído como uma punhalada. Não porque o amasse, que ella, no fim de contas, não amava ninguem; mas porque era uma criatura futil, toda vaidade e orgulho, cuja maior alegria era ter sempre aos pés, a cantar-lhe as graças, uma caterva de adoradores submissos. E com esse despreso havia de tratá-a, d'ahi em diante. Ia abster-se de frequentar-lhe a casa, e, quando a visse, cumprimental-a-ia com a maior indiferença deste mundo, como a pessoa por quem de modo algum se interessasse e a quem só vagamente conhecesse.

E gozava ainda a certeza de que os pais da Bellinha, que sempre lhe tinham manifestado real sympathia, haviam de estranhar aquella ausencia, cuja causa ignorariam talvez a principio, mas que por fim ella propria se encarregaria de dar a conhecer pelo modo como provavelmente continuaria a comportar-se em relação ao Luciano. E haviam de sentir, e ella sofreria a justa reprimenda dos velhos, que elle Silveira perfeitamente sabia não eram infensos ao seu amor, ao grande e sincero amor que lhe consagrara, —amor, enfim, para sempre desfeito. Oh, ti-

nha a certeza de que ella havia de arrependêr-se!

E seis dias se passaram sem que o Silveira voltasse á casa da Bellinha, renitente no proposito feito, dominado das mesmas idéas com que a deixara na noite do baile. Mas, na tarde do setimo dia, subindo o Caminho Grande, ouviu atraz a voz alegre do velho Azevedo, que o chamava da porta de casa. Teve de voltar, e o velho, com a sua costumada jovialidade, pediu-lhe que entrasse. Havia quanto tempo ninguem o avistava! Mas ainda o não tinham esquecido! Entrasse o amigo Silveirinha, que ali ninguem lhe queria mal, antes pelo contrario!

Entrou, meio desconcertado. Na sala estavam apenas a mulher do Azevedo, D. Rosalia, e duas irmãs desta, senhoras de idade que viviam em sua companhia. Cumprimentou-as, sentou-se, e os seus olhos erraram em torno, como se procurassem alguem. D. Rosalia julgou compreender que elles procuravam a filha e explicou que ella saíra, tinha ido com o irmão aos Remedios fazer uma visita ás primas. O Silveira fingiu desinteressar-se pela explicação, como se nada lhe importasse que a Bellinha estivesse presente ou a cem leguas de distancia. E trincava o charuto, si-

lenciosamente, sem uma palavra com que correspondesse como devia á expansiva recepção que lhe acabavam de fazer.

—Diga alguma coisa, sr. Silveira, pediu D. Rosalia. Que ha de novo?

Elle não sabia de nada. Tudo velho! A pasmaceira do costume. Apenas, ao que se propalava, o governo ia festejar com grande brilho a passagem do 28 de Julho. Haveria regatas, parada militar, cinema ao ar livre e baile em Palacio.

—Por falar em baile, sr. Silveira. Não imagina como sentimos que fosse obrigado a abandonar outro dia a nossa festinha. Pois olhe que as dansas ainda se prolongaram até as 4 horas da manhã. A' mesa de doces falou o dr. Luciano, falou o dr. Edgardo... Pena foi que o sr. já não estivesse.

—Obrigado, minha senhora. Mas infelizmente não me foi possivel.

—Porque não quiz, Silveirinha, disse rindo o dono da casa. Por mal entendida cerimonia...

—Como, sr. Azevedo? Mal entendida cerimonia?!

—Decerto, decerto. Não se faça esquerdo, Silveirinha. Eu sempre o conheci muito acaanhado, mesmo com as pessoas mais intimas,

como nós. Não havia necessidade daquella retirada! Era só chamar-me de parte... irmos ali dentro... e um cházinho depois... e estava tudo muito bem!

—Mas não comprehendo, sr. Azevedo! — disse o Silveira, contrafeito e vermelho. Não sei o que o sr. quer dizer!

—O grande acanhado! Aqui somos todos uns velhos que não merecemos estas cerimônias. Depois que saiste, foi que o Luciano me explicou que, pouco antes, te havias queixado de um começo de colica. E' do tempo. E' geral.

As duas cunhadas do Azevedo, refesteladas em cadeiras de embalo, sorriam discretamente por traz do leque. D. Rosalia, séria, olhava o marido, com ares de quem lhe lembrava a conveniencia de mudar de assumpto. E o Silveira, sopitando a raiva que o invadia, raiva contra o Azevedo, que era um idiota e um grosseiro, e contra o Luciano, que era um infame, levantou-se para se retirar, «que já se fazia tarde e elle ficara de estar no Euterpe ás 7 horas».

Acompanharam-no até á porta e, ao dobrar o canto, ainda elle ouvia a voz do Azevedo, carinhosa, num afago:

—Appareça, Silveirinha! Appareça!



## UM PESSIMISTA

---

Claudio Terencio via o mundo através de oculos escuros, jamais a vida se lhe apresentava como coisa agradavel e digna do minimo sacrificio. Ao seu parecer, nenhuma alegria acabava para ceder a outra alegria; no fim de todo o contentamento surgia sempre, e mais ou menos pesada, a nuvem luctuosa de um desengano, a nevoa cinerea de uma tristeza.

Certamente, a Natureza não era a eterna suppliciadora da vida; a Natureza tinha suavidades indiziveis, manancial immenso de belleza e bondade: cantos de aves, perfumes de flores, o luar, a primavera, para o caminheiro exaurido a sombra acceitosa das arvores amigas, para os olhos de seus filhos o

espectaculo dos campos verdes e flóreos, dos lindos rios serenos, dos amplos céus festivamente azues. Tinha tambem o seu lado terribel, era bem a «mão que o veneno e o balsamo propina», do verso do poeta; mas o que possuia de bom e bello, era bastante para fazer o homem contente do seu destino. Onde, então, estava o mal?

—No proprio homem, cuja queda, segundo a conta o Genesis, era uma allegoria maravilhosa. No homem, sem duvida, pois era elle a causa, elle somente, dos maiores infortunios que padecia. Claudio Terencio revelava-se um sceptico, na perfeita significação do vocabulo. E dizia que fôra a vida que assim o fizera, com as suas mentiras e insidias, tremendas maldades e detestaveis prejuiços; a vida, onde o erro contava uma enorme legião de batalhadões, e a lucta pelo bem-estar de cada um era motivo de combates continuos e desapiedados, em que, quasi sempre, cabia o triumpho ao propugnador da iniquidade e da falsidia.

Elle, vezes infinitas, tinha visto os raros sêres altivos e nobres, que se lhe haviam deparado no scenario do mundo, rolarem, malferidos e infelizes, de encontro aos agudos anfractos do crime e do vicio, e succumbirem,

como se foram plantas humillimas, debaixo da esmagadora brutalidade dos que passavam de carreira, semelhando barbaros, sem outro cuidado que não o de abrir caminho para attingir a realização das proprias ambições. Em toda a parte, o que pompeava, eram os velhos erros seculares, as mentiras milenarias, a mentira politica, a mentira religiosa, a mentira multiforme e sempre renascente. A scien-  
cia progredia, de certo, a despeito da descon-  
soladora affirmativa de Brunetière; marcha-  
va, não obstante a noite que se alastrava  
para além de cada uma das suas conquistas.  
Mas a grandeza moral, os elevados sentimen-  
tos purificadores, a essencia do coração dos  
maximos apostolos da humanidade, quem os  
encontraria viçando victoriosamente em con-  
traposição a tanto absurdo, a tanto egoismo,  
a tanta miseria? Bem raras nasciam as flo-  
res divinas da virtude, os meigos lirios da  
piedade e da bondade. O homem era sempre  
o lobo do homem, como dizia Hobbes: *homo  
homini lupus*. Não passava de miragem lumi-  
nosa o sonho de todos os idealizadores da  
felicidade humana. A vida era uma decepção  
permanente; e por isso ninguem, ainda o me-  
nos inditoso, chegado ao seu termo, seria suf-  
ficientemente heroico para lhe renovar a ca-

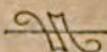
minhada. Não valia a pena, e por vezes sem conto, ver a lisonja interesseira sob a feição de sorriso sincero e amistoso; o elogio occultando o reproche; a traição debaixo da mascara da lealdade mais pura; a vaidade e a ostentação alapardando-se atraz do obulo da caridade. Trilhar de novo entre os homens? Ora! Não era tão deleitoso contemplar o eterno quadro das injustiças sociaes, os crimes do capitalismo; o suppicio dos pobrezinhos, os thesouros de Cresus a poucos passos do triste que morre de fome. Não valia a pena!

Claudio Terencio, nos derradeiros annos que viveu, tornara-se absolutamente intratavel, encerrara-se numa incuravel e soturna melancolia. Era um doente, um desenganado, a que nenhum esforço poderia reerguer, dando-lhe uma outra visão da existencia e a verdadeira noção do modo de a encarar, que é olhar fito para ella em todos os transes, com uma forte e serena coragem de heroe, nunca duvidando de levar o mal de vencida, sempre na certeza de chegar á victoria do bem e da verdade. E assim se extinguiu, em uma formosa manhã de verão, cheia de sol e gorjeios. Apparecia-lhe, pela janella meio aberta, uma nesga de céu desanuveado, e as suas

derradeiras palavras foram para um filho que fazia versos e escrevia em jornaes.

—E' como sempre te disse, meu filho. Deixa a penna, desce do teu sonho, antes que em ti se repita o desastre do filho de Dédalo. Larga-a de mão, e procura ganhar dinheiro, o que não conseguirás com o auxilio della. A gloria?... Poeira. Nuvem. Nada. Acaso acreditas na eternidade do planeta em que vivemos? Imagina agora a especie da eternidade daquillo que realizamos em cima dele! Melhor é o dinheiro, que constitue o meio por excellencia de evitar um homem a horrivel estopada de andar a aviltar-se rastejando deante dos outros, de descer á desgraçada condição de mollusco depois de ter sido vertebrado superior...

Foi assim Claudio Terencio, o pobre pessimista, em cujos frios labios de morto havia um tregeito de amarga ironia...





## ESTUDANTADAS

---

Que extraordinario não era aquelle estudiante nortista! De fóra parte um ou outro exagero na conducta, bem pudera ter sido um excellente companheiro dos bohemios decentados no celebre livro de Henri Murger. O espirito nascera-lhe precisamente com aquella feição; no seu modo de ser não havia nenhum artificio. Tudo nelle era espontaneo, verdadeiro, a manifestação fidedigna da sua natureza. Fluíam-lhe os actos da vida como corre a agua dos rios e desce a cascata do alto da montanha.

Grande pandego, aquelle Antunes. Não se sabia de creatura mais original e engraçada, nem mais despida de uns tantos escrupulos dos que estão enquadrados no moral

do commun dos homens. As suas façanhas tornaram-no conhecidissimo; já para o fim do curso, ninguem na cidade lhe ignorava a existencia. E a verdade é que, se nem todos o estimavam, tambem não havia quem o odiasse, embora—como elle gostava de confessar—fosse o burguez a *anima vili* onde se exercitava em desenvolver o geito para a velhacaria que se encontra em todo o homem intelligente e tão necessario lhe havia de ser ás glorias e proventos de advogado.

Os livros, só de raro em raro os compulsava na atitude concentrada de quem está estudando. Não lhes dedicava real interesse. Abria-os, principalmente, para se não esquecer da leitura, cujo conhecimento lhe parecia uma exigencia da sua dignidade de futuro doutor. Apenas por esse motivo, a não ser que se tratasse, por exemplo, dos de Paulo de Kock. Livros de direito? Não eram tão essenciaes como havia quem dissesse. No fim do anno, tudo se arranjaria do melhor modo, com o favor de Deus... e da cóla. Razão, entre outras, por que invertera os papeis que respectivamente competem á rua e á casa, vindo a esta mais a passeio do que propriamente de regresso... Quasi se pôde afirmar que naquella é que residia.

Fez coisas do arco da velha, o Antunes. Uma vez, estava elle em casa,—era meio dia—modorrando em seguida ao almoço no quarto onde tinha a mala e os dois ou tres compendios que o *sebo* ainda não engulira, quando chegou á *republica*, em sua procura, um dos muitos credores que o traziam atenazado com as repetidas cobranças. Um collega do Antunes mandou-o entrar, indicando-lhe o quarto onde se encontrava o devedor.

O nosso estudante, ao dar com o *cadaver* em sua frente, pulou da rede—tinha horror á cama—e rugiu, acceso numa grande colera de homem que não perdôa o minimo desrespeito ás normas da bôa educação:

—Que diabo é isto, sr.! Que faz aqui dentro! Quem o autorizou a chegar a este quarto, onde me vem surpreender em trajes menores?! Retire-se! retire-se!

O recem-vindo, diante de tamanha raja-da de palavras de indignação, pronunciadas a par de gestos do mesmo teor, desculpou-se: «que entrara, porque lhe haviam dito que entrasse! que não fôra por mal!»

—Pois fez muito mal, ccontinuou o Antunes. Nem ao menos se annunciou! Não era assim que devia ter procedido. Ouça: primeiramente, devia ter batido com força as

duas mãos uma na outra. Percebe? Chama-se a isso bater palmas. Em seguida, quando alguém, cá de dentro, lhe perguntasse quem era e o que desejava, o sr., por sua vez, perguntaria se estava em casa o sr. dr. Antunes. E só depois que o mandassem penetrar, é que penetraria. Aquella porta que vê ali no corredor, não é um objecto de luxo, fique sabendo. E' uma necessidade imprescindivel. Sr., é preciso respeitar o protocollo! Antes de tudo, as conveniencias da civilidade! Ou julga que a civilidade é apenas um vocabulo sem sentido? Agora, o que lhe compete, é remediar a feia acção que praticou. Vamos, volte, e proceda como era do seu dever de bipede humano!

—Mas, senhôri doutôri...

—Paciencia, amigo. Eu sou intransigente. Vá, se deseja ser attendido.

Deante dessa intimativa e desse derradeiro argumento, o homem voltou, transpoz a porta do corredor, a qual se fechou atraz de si, e bateu palmas a primeira, a segunda, a terceira vez.

—Quem está? —perguntou o estudante em voz grossa e mudada.

—Sou eu, o P'reira. Está em casa o senhôri doutôri Antunes?

— Assim, coração. Muito bem! Agora eu vou contigo.

E lá se foram os dois. O Antunes ia perguntando pelos parentes, pela saúde e pelos negócios delles, pela instrucção que os sobrinhos estavam recebendo, tudo isso, com um interesse extraordinario, e por fim, obrigando o menino a parar e apontando-lhe para o calçado, bem velho, mas, apesar disso, em melhor estado do que o seu, disse consternado :

— Oh meu santo! Estás quasi descalço. Quero comprar-te uns sapatinhos novos. Vamos ali á rua do Queimado.

E levou a creança a uma sapataria pouco distante da praça da Independencia.

— Filhinho, disse ao entrar, vaes ter uns sapatinhos muito bonitos. Vaes ficar satisfeito. E pediu um par de sapatos trinta e quatro, que se ajustaram modelarmente aos pés do menino.

— Muito bem. Ficaram esplendidos. Agora,—disse ao caixeiro—veja-me o sr. um par de botinas 39.

Vieram as botinas, que elle calçou depressa, para poupar ás meias o vexame de uma exhibição demorada.

— Bom calçado, sim-senhor. Não havia outra casa como aquella para servir bem aos fre-

guezes. E, depois de achar razoabilissimo que andasse o total da compra em 35\$000, mergulhou a mão, successivamente, nos dois bolsos internos do palitó. A carteira não estava em nenhum delles. Era assombroso ! Affligiu-se, passou aos bolsos da calça, aos da frente e ao de traz, e nada. Senhores, que coisa ! Foi aos do collete. Quem sabe ? Talvez andasse por ali alguma cedula desgarrada. O collete era um digno parceiro da calça e do palitó : não eneerrava nem um nickel.

—Com os demonios, disse o Antunes, desesperado. Mudei de fato e esqueci o dinheiro. Ai, esta minha desgraçada cabeça ! Mas tudo se remedeia. Aqui deixo o meu menino, enquanto chego a casa. Pode haver alguma dúvida?...

—Oh ! nenhuma ! disseram-lhe. Nenhuma !

—Pois ahi fica o pequeno. Filhinho, não saia desta cadeira. Não vá para a rua, por causa dos bondes. Bem quieto, hein ? E espreme-me, que volto daqui a instantes.

A creança ficou, já satisfeita e envaidecida daquelle parente, mirando jubilosa os seus sapatos novos. Mas, uma hora depois, como o tio ainda não houvesse regressado, impacientou-se e quiz ir embora. Não o permitiram. Esperasse o pai !

—O pai? Não era pai Era irmão de sua māi.

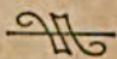
—Como?! Não era pai?!—inquiriu o dono da loja.

—Não, senhor, tornou o pequeno, quasi choroso. Irmão da mamā...

—Pois espere, é o mesmo.

E quando, á tardinha, á hora de fechar o estabelecimento, se viram obrigados a deixal-o sair, tomaram-lhe os sapatinhos novos e restituiram-lhe os velhos, por entre uma saravada de injurias ao ladrão de seu tio!

Oh, o Antunes! Iria muito longe, quem procurasse deserever o que elle fez durante aquelles cinco annos de vida á gandaia, enquanto esperava lhe chegasse á cabeça a barretina vermelha e aos labios o latinorio do *et ego quoque...*





## O ESCRAVO

---

Os senhores estimavam-no, eram bons, nunca lhe haviam infligido um castigo severo ou desarrozoado. Nasceram-lhes em casa, debaixo do mesmo tecto sob que moravam desde que se tinham casado, fazia vinte e seis annos, quasi tantos quantos elle contava, e, se o vendiam, era porque as vicissitudes da vida acabavam de reduzil-os á mais penosa das situações pecuniarias. Que se consclasse, pobre Geraldo! Talvez ainda viessem a melhorar de sorte, e, se isso acontecesse (esperavam que aconteceria), tudo fariam por possuir-o de novo, e então para dar-lhe a liberdade.

O escravo, sustendo o pranto, silenciou submisso deante do que lhe disseram os se-

nhores. Bem sabia que estes estavam pobres e não lhe era permittido pôr em duvida que somente procediam daquella maneira porque a isso os levava a extrema necessidade. E partiu, em companhia de um representante do novo dono, com o coração repletado de amargura, por uma viva manhã de verão, em que a villa—a sua villa natal—parecia ainda mais encantadora do que sempre se lhe apresentara aos olhos que outra não conheciam. Com que saudade a perdeu de vista, e com que saudade se foi recordando da vida que nella viveira, dos senhores, dos parentes, de todos os conhecidos, dos sitios que lhe eram tão familiares e a que tanto se habituara! Por felicidade, a mãe já lhe morrera; se não, peor havia de ser...

Ao cabo de quatro dias de viagem, deu entrada na fazenda de Manuel Henriques, a quem ainda não conhecia, e que, havendo-o recebido em pagamento de dívida que de outro modo mui difficilmente poderia ser solvida, parecia não ter feito questão de o examinar antes da compra, dando-se por satisfeito com as ligeiras informações que recebera. Se, porém, de presença não conhecia o novo senhor, já ouvira dizer que elle não era nada benevolente para com os escravos, e isto ain-

da maior lhe fazia a tristeza e mais fundo o desalento.

Levaram-no para a promiscuidade da senzala, para uma palhoça de feio aspecto que era a moradía de alguns pretos e onde o pé entrava na terra frouxa, escuro e abundoso viveiro de pulgas. Aboletou-se em um quarto, o unico do casebre, e ahi, entre as sujas rôdes dos companheiros, armou a sua, de varanda, comprada com o accumulo de pequenos ganhos que, de quando em vez, os senhores lhe permittiam adquirisse fóra de casa. A rôde foi motivo de admiração para os presentes e causa de commentarios em toda a senzala.

Com pouca demora, entrou o senhor, que acabava de chegar de uma fazenda proxima. Era um homenzarrão trigueiro, de expressão dura e longa barba, já grisalha, caindo sobre o peito.

—Então, que é do negro? —foram as suas primeiras palavras.

O feitor apresentou-lho.

—Olá! quasi branco! Não gosto muito. Para mim, negro, negro. Estes sujeitos descascados querem ás vezes fazer-se finos. Depois, detidamente, analysou-o. Viu-lhe os dentes, palpou-lhe os musculos, indagou-lhe da saude e acabou mostrando-se satisfeito.

—Está bem. Não é dos peores. Contanto que não traga para o matto a preguiçousa da villa, como em regra acontece.

Ia saindo, quando attentou na rête que alvejava além da entrada do quarto, ao fundo.

—De quem é? — perguntou, indicando-a.

—Delle, respondeu o feitor.

—Então! Não é o que eu dizia? Sim, senhores, temos fidalgo, não ha duvida! E, puxando de uma faca, dirigiu-se a ella e cortou-lhe as largas varandas de labirinto, cuidadosamente trabalhadas, representando aves e flores. Depois, atirou-as, com um riso de escarneo, ao terreiro da palhoça, dizendo que não admittia tamanha petulancia. Ora essa! Negro com rête de varanda, e de mais de dois palmos de largura! Chegava a ser desaforo! Não admittia! Negro não tinha luxo!

Foi de odio mortal o sentimento experimentado pelo escravo quando viu como o senhor o tratava. «Infame!» tivera impetos de gritar-lhe, esbofeteando-o. Esta, a palavra que lhe subiu á garganta, e tal o desejo que lhe referveu no coração. Ah, não se acostumaria ao jugo de semelhante miseravel! Santo Deus, em que desgraça os senhores o haviam mettido! Manuel Henriques viu-lhe a colera fuzilando no olhar em chamas, porque o fixou

demoradamente, supercilioso, com ar sombrio.

O Geraldo passou o resto daquelle dia e toda a noite possuído de amargo desespero, em face do qual até a saudade se lhe apagara no espirito, como sombra de sentimento.

No dia seguinte, muito cedo, marchou para o eito, a meia legua de distancia. Lá chegando, indicou-lhe o feitor o que lhe competia fazer. Pela primeira vez na vida era obrigado a dar conta de determinada tarefa. Labutara outrora, perto da villa, em roça dos antigos senhores, mas em condições muito diversas podia dizer que á vontade, fazendo o que lhe era possível, sem nenhum constrangimento. E que enorme não era a tarefa de que o haviam incumbido!

Entregou-se, entretanto, foice em punho, ao pesado trabalho da derruba. O senhor chegou, pouco depois, para assistir ao serviço, e procurou ficar-lhe proximo, sentando-se em um tronco de arvore que ali jazia á espera da queima.

— Vamos, vamos, senhor fidalgo. Vossê parece que não está gostando muito da coisa! Pois é acostumar-se. Não o comprei para brinquedo.

O Geraldo ouviu aquellas palavras com o odio a crescer-lhe ainda mais no coração. Mas, como se não as ouvira, continuou, alagado em suor, a mover a foice para deante, bravamente, sem descontinuar. A pouco e pouco, porém, se lhe foram afrouxando as energias. Veio-lhe a necessidade de uma pausa. Fazia muito tempo que se deshabitara de exercícios tão violentos, e os seus braços estavam a exigir descanso.

Notando-o, gritou-lhe Manuel Henriques:

—Para a frente, negro! E, do lugar onde estava, arremessou-lhe ás costas, com força, um pedaço de madeira.

Voltou-se o escravo, de subito, rubro de colera:

—Meu senhor! Porque me faz isso?! Pois eu não estou trabalhando?!

—Então! negro do diabo! Atreves-te a replicar?! E, erguendo-se, Manoel Henriques avançou para espancal-o, de chicote levantado.

Em torno, todas as foices pararam. Os outros captivos quedaram anciosos, olhando o senhor e o companheiro. Este, ao ver a disposição de Manoel Henriques, ergueu a foice, e, tremendo, numa furia que lhe deu lividez e gagueira:

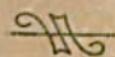
—Meu senhor! não desça o chicote, que morre!

Manuel Henriques, valente além de orgulhoso, não se atemorizou com as palavras do escravo, a quem desde a vespera formara o proposito de amansar, na convicção em que ficara de que elle era um insubmissô; ao contrario, cego de raiva deante da attitude por elle assumida,—rijamente, em pleno rosto, vibrou-lhe uma chicotada, ao mesmo tempo que levava a outra mão ao cabo do punhal que lhe pendia da cinta.

Mas não completou o gesto, porque, acto continuo, com a cabeça partida ao meio, rolou por terra desamparadamente, como um daquelles miserios vegetaes a que a foice do Geraldo acabava de tirar a vida...

O assassino, perpetrado o delicto, saíu de carreira e desappareceu no matto cerrado que se estendia de redór. Os demais escravos permaneceram alguns instantes como que aparvalhados em presença do espectaculo horrendo. Depois, correram para onde estava o morto. Tres ou quatro se embrenharam na peugada do homicida, aos gritos—péga, péga!—soltados pelo feitor que vinha chegando de outra secção do serviço. Os demais, tomaram nos braços, para levar á casa, o corpo do se-

nhor,—que já não era senhor, e somente como cadaver ainda lhes fazia medo. E tinham visível no negro semblante um terror parado, que pouco a pouco, entretanto, á medida que proseguiam, se ia demudando em expressão de allivio e serenidade...





## DONA PASTORA

---

Antonio Sampaio chegava mais cedo naquelle dia á fazenda do sogro, o major Domiciano, em visita á esposa, que desde mais de um mez ali se encontrava convalescendo.

Era um domingo de céu azul e sol bem vivo, a encher de luz o campo que o inverno, havia pouco desapparecido, enseivara e reverdecera com esplendida prodigalidade.

A casa, de grandes proporções, coberta de telha e caleada de novo, parecia sorrir-se, naquelle claridade gloriosa, como que satisfeita de se sentir em harmonia com a belleza da paysagem circumdante.

Nos curraes á esquerda, vaccas mugiam, olhando tristemente pelas aberturas da cerca de pau a pique, de ríjos tóros de aroeira, ca-

pazes de resistir á pressão de toda uma boiada em revolta.

Espalhados na extensão da vasta clareira aberta em frente da casa, animaes pastavam ou retoiçavam ao lado de rês fartas deitadas na relva e ruminando tranquillamente.

Perto, para os lados do roçado, os burityzeiros do brejo, dispostos em semi-circulo, baloiçavam, ao sopro das auras, a copa verde-escura, festivamente sobranceira aos mais altos ramos das outras arvores.

Completabam o scenario duas moçoilas de pote á cabeça, que vinham da fonte e atravessavam o pateo cantando descuidadas uma cantiga do sertão.

Antonio Sampaio apeou-se contente, penetrado do encanto suggestivo das coisas, ao mesmo tempo que se lhe estendiam, num amplexo, os braços da consorte, que o avistara á distancia e viera recebel-o ao terreiro. Entraram juntos, a trocar expressões affectuosas, e elle, acariciando os longos cabellos sedosos que Dona Pastora costumava trazer desennastrados, a felicitou dizendo parecer-lhe que o seu restabelecimento já era completo.

—Não é verdade? Apenas é possível que ainda precises de mais algumas forças.

Ella respondeu, concordando:

— Que era certo, que já se sentia restabelecida e em condições de voltar á villa. Poderiam mesmo, se elle quizesse, regressar no dia immediato.

--Se quizesse? — tornou-lhe Antonio Sampaio. Tinha graça. Pois onde ella já vira recusar-se alguem á reconquista da propria felicidade? E lhe disse que sim, que se prepassasse, afim de partirem ao amanhecer do outro dia.

Na sala, para onde se encaminharam, conversavam algumas pessoas da vizinhança, homens e mulheres, que estavam de visita aos donos da casa. O recemchegado saudou os presentes com a jovialidade que lhe era propria, e logo se soube da resolução que acabava de ser tomada.

— Tão cedo! — foi a opinião das senhoras. Mas os pais de Dona Pastora, embora sentindo a ausencia da filha, concordaram em que o genro tinha razão. Effectivamente, eram um incommodo as viagens tão repetidas que elle fazia para vel-a, assoberbado, como estava, de tantas occupações naquelles mezes de grande movimento no commercio da localidade. Além disso, não era pequena a falta que a mulher havia de fazer-lhe ao governo da ca-

sa, onde tudo devia de andar mais ou menos desorganizado.

A conversa em torno do assumpto ainda se prolongou por algum tempo, e depois encaminharam-na as moças para a «brincadeira» que já haviam combinado se realizaria á noite, e que em se dansariam quadrilhas, polkas, schottischs, valsas e mesmo o chorado...

Antonio Sampaio interveio então, gracejando:

—Tambem o chorado? Neste caso, contem commigo, pois o chorado é a ~~dansa~~ por excellencia, a dansa das dansas, aquella que mais me agrada, mesmo porque é a mais brasileira, e não ignoram as senhoras até onde vai o meu patriotismo! Conceberam, fiquem sabendo, uma idéa maravilhosa. Imaginem que o chorado era a minha saudade quando eu estava no Maranhão e pensava nestes sertões!

\* \* \*

Fazia tres annos que se realizara o casamento de Antonio Sampaio com a filha do abastado fazendeiro da Bôa-Esperança. Esse enlace esteve perto de se não effectuar. Naquelle tempo,—andava elle então pelos vinte e quatro annos,—cada uma das suas noites de alegre estúrdia com outros rapazes da villa

servia da pabulo em que se fartava a bisbilhote desoccupada dos linguareiros indigenas. E, de casa em casa, corria, sempre vestida de negras côres, a historia das extravagancias de Antonio Sampaio, «um perdulario, um vadio de marca».

Mas, não obstante a lenda que lhe haviam creado em torno do nome, e o que diziam delle alguns dos proprios que se locupletavam com as suas liberalidades, não havia roda, masculina ou feminina, em que lhe não fosse bem aceita a presença, nem baile para que não recebesse convite, e onde, em regra, lhe não coubesse a primazia de mestre-sala. O que tudo se explica porque Antonio Sampaio, insinuante e dispondo de certa cultura, pois estivera na capital, durante alguns annos, estudando no Lyceu, reunia, a defeitos e prendas, o prestigio da posse de varias e alentadas fazendas de gado.

Foi em um baile que se apaixonou pela formosa Pastora, a moça mais interessante da villa, uma esbelta morena de ondeados cabellos negros e grandes olhos, daquelles que se podem chamar paradoxaes, porque matam, sendo mortos. Declarou-lhe o seu amor no intervallo de duas valsas, e não houve hyperbole, das que lhe occorreram, que deixas-

se de empregar para exprimil-o, ou para enaltecer os primores que o tinham levado a tamanha embriaguez e deslumbramento.

Ouviu-lhe a rapariga, entre confusa e risonha, a apaixonada confissão, e desde aquela noite ficou presa á esperança e ao desejo de ser a noiva de Antonio Sampaio.

Durou mezes o idyllio e não foi dos mais serenos, porque o major Domiciano, assim que lhe chegaram noticias delle, procurou convencer a filha de que não convinha, de maneira alguma, a continuaçāo de tāes amores. Não queria vēl-a desventurada, e Antonio Sampaio lhe não poderia proporcionar a felicidade. Achava quasi impossivel que o homem da pandega, o folião acostumado a se dissipar em patuscadas, pudesse vir a conformar-se com a vida regrada do lar. Estivesse bem certa de que não seria ditosa casando com semelhante rapaz.

Tudo, porém, quanto foram ponderações do velho Domiciano, caíu na alma da linda Pastora como semente no seio de terra infecunda. Os conselhos faziam-lhe impressão no primeiro momento, e ella desejaria segui-los, como filha obediente que sempre fôra. Mas, pouco depois de escutados, apagavam-se, esvaíam-se como lembrança de coisa velha. Eram

bruma pesada, á medida que iam vibrando, cheios da eloquencia que lhes emprestava a sinceridade do affecto paternal. Mas logo em seguida se esbatiam em nevoa transparente, e acabavam, numa transição insensivel, deixando á moça a alegradora visão de um céu de incomparaveis claridades...

Até que um dia, sentindo a inutilidade dos seus esforços, o velho consentiu em que se realizasse o casamento. Não havia meio de ella renunciar ao que lhe parecia a elle uma loucura? Casasse, então. E fosse Deus servido que estivesse enganado nas suas previsões!

\* \* \*

Consorciaram-se em uma tarde de Dezembro, perto do Natal. Grande foi a festa do casamento, como de pessoas de abastada condição. E a vida principiou a correr-lhes agradavel e serena, tal qual, no verão, um rio de aguas mansas. Um filhinho veio augmentar-lhes a belleza dos dias. E, tanto quanto a esposa, radiava de alegria o sogro de António Sampaio, que chegara a convencer-se de se haver illudido quando mal agoirava a respeito do futuro da filha.

O genro fizera-se negociante. A loja ocupava um dos lados da casa de residencia. De

maneira que o intimo contacto em que vivia com a consorte apenas ultimamente se modificara, porque ella, havendo adoecido, fôra, a instancias dos pais, tratar-se á fazenda, cerca de uma legua distante da villa, e onde elle ia visital-a quasi todos os dias, sempre á tardinha, depois dos labores diurnos.

Não tinham faltado, entretanto, linguas maledicentes que tentassem perturbar a vida feliz de Dona Pastora. Murmúrios perversos avoejaram-lhe em torno, procurando instilar-lhe no coração o veneno de duvidas crueis. Foi isso quando esteve a fazer-lhe companhia por alguns mezes a sua irmã mais moça, a Margaridinha, de dezeseis annos, e tambem formosa.

—A comadre a desculpasse—aventurou-se a dizer-lhe, certa manhã, uma das suas vizinhas. A ponderação que lhe ia fazer era ditada exclusivamente pela muita estima e sincera amizade que lhe consagrava. Não visse nem sombra de má intenção nas suas palavras, mas a comadre reparasse com olhos menos desprevenidos naquellas graças do sr. Antonio com a cunhada. Ella nada enxergava de mais, para falar verdade; mas aquillo estava sendo motivo de muita conversa. A lingua do povo estava trabalhando! A cana-

lha dos mexeriqueiros quasi já não tinha outro assumpto!

—Emfim, terminou, a comadre me perdôe, e lhe peço que não diga nada ao sr. Antonio. Mas eu sempre a queria prevenir, não só em seu beneficio, como por causa da Margaridinha, coitada, que é ainda, por bem dizer, uma creança de todo inexperiente...

Dona Pastora repelliu as funestas insinuações. Tudo aquillo eram apenas invencionices de gente perversa. A comadre não désse ouvidos á lingua do povo, quasi sempre injusta. O Antonio, ninguem o ignorava, tinha mesmo aquelle genio expansivo e brincalhão. Fôra sempre assim. E que fazia elle que não fosse permittido entre cunhado e cunhada? Louvado Deus, conhecia-o perfeitamente e sabia-o incapaz de uma indignidade. O que tambem não lhe haviam dito a respeito delle, antes de se casarem! Horrores. Era o peor dos rapazes, o mais incorrigivel dos estroinas. No entanto, ainda lhe não déra nenhum desgosto, ao contrario do que vaticinava a lingua do povo. E tres annos já se tinham passado. Agradecia á comadre o cuidado que tomava pela pessoa de sua irmã e pela sua tranquillidade; mas affirmava-lhe que não havia razão para semelhantes apprehen-

sões. Na maneira de o Antonio tratar a Margaridinha, outra coisa não havia que a natural familiaridade com que um irmão trata a irmã. Nada mais, acreditasse!

Pasmou a outra daquella tão profunda confiança, e não ficou satisfeita com o resultado obtido. «Fosse lá uma pessoa abrir os olhos de quem não queria ver!» Mas guardou consigo o seu desapontamento, e, pedindo desculpas do passo que déra, acabou concordando «que sim, que naturalmente havia grande exagero em tudo o que diziam. A comadre sabia melhor do que os estranhos. Perdoasse, pois fôra levada apenas da muita amizade...»

E nunca mais, aos ouvidos de Dona Pastora, chegaram outras murmurações malignas a tal respeito. Nem aos seus olhos, dari por diante, nada se passou, que lhe levasse ao espirito a leve sombra de uma desconfiança em relação ao procedimento do marido, que continuava a encher-lhe de ventura o coração de que era o absoluto senhor.

\* \* \*

Chegada a noite, começou a «brincadeira».

Eram os musicos os dois filhos do velho Aguiar, antigo aggregado do major Domi-

ciano—o Vicente e o Joca. O instrumento desse era a rabeca e o daquelle a viola; e, nem porque fosse diminuto o repertorio dos dois, e bem pouco exigente a arte empregada em executal-o, menor se revelava o entusiasmo com que se exhibiam e a animação dos convivas. Assim, ao passo que era pequeno o intervallo de peça a peça, as dansas prosseguiam activas e ruidosas, por entre os apartes dos espectadores, cujo numero havia aumentado com a chegada de mais algumas pessoas da vizinhança.

Dansavam seis moças, entre as quaes as duas filhas solteiras dos donos da casa—a Julia e a Margaridinha. Os cavalheiros eram o Casé Ribeiro, filho dos abastados fazendeiros do Angico e noivo de Julia, dois irmãos deste e Antonio Sampaio, que fazia de mestre-sala. Radiava contentamento geral. Todos os espíritos se sentiam impregnados da comunicativa jovialidade de Antonio Sampaio, que se mostrava inesgotável em ditos e gracejos. O major Domiciano e a mulher participavam da alegria da gente moça, e, obsequiosos como sóem ser as familias do sertão maranhense, mostravam-se solícitos em agradar ás visitas. Algumas pessoas, entre as quaes a mulher de Antonio Sampaio, se haviam sentado no quin-

tal, junto ao peitoril da varanda, e ahi conversavam á luz de um luar que, de tão bello, empallidecia, quasi apagava a scintillação das estrellas. Assumptos diversos já lhes tinham tomado as horas. E estavam a ocupar-se do proximo casamento de Julia e dos preparativos que em breve principiariam para a festa «de tres dias e tres noites» com que pretendia solemnizal-o o major Domiciano, quando ocorreu a Dona Pastora uma pergunta que precisava de fazer ao marido relativamente ao ajustado regresso. Pediu licença e ergueuse, passando á sala das dansas, onde o vira minutos antes a valsar com a Margaridinha. Precisamente nessa occasião, soltavam os instrumentos os derradeiros acórdes da peça e os pares se separavam. Entre elles, porém, não estava Antonio Sampaio. Dirigiu-se então Dona Pastora á sala immediata, foi á cosinha, percorreu as demais dependencias da casa, e saíu ao pateo. Nada! «Onde estaria o Antonio?... E a irmã, que tambem não avistava?....» E ia voltando com a intenção de perguntar pelos dois; mas de repente sobresteve sob o jugo de um pensamento que subitaneamente a invadiu, repassando-a de dor e dando-lhe ao rosto uma pallidez profunda. Sacudiram-na tremores, as pernas por pouco se lhe

não dobraram, precisou de se encostar a um tronco de amendoeira. «Nossa Senhora! Seria possível?...» E, apavorada, á semelhança de quem recúa da borda escorregadia de um precipicio, procurou fugir ao imperio da idéa envenenadora. «Não, não podia ser! aquillo era uma loucura! O marido, o melhor dos homens, não commetteria crime tamanho e tamaña torpeza!» Mas a negra desconfiança começou a impôr-se cada vez mais dominadora e terrivel, constringindo-lhe o raciocinio e delle definitivamente se apossando. As palavras da vizinha delatora, desde tanto tempo esquecidas, voltaram-lhe aos ouvidos, e coisas minimas, em que jamais attentara dos cimos serenos da sua bondade e singeleza, appareciam-lhe agora ao entendimento como se fôram esmaiadas claridades diluculares, quasi imperceptiveis, que se houvessem transformado em rubras fulgurações allucinadoras. Chegavam-lhe ao cerebro, uma após outra, em rapidez vertiginosa, e nelle vividamente se retratavam, confirmando-a na certeza da sua irremediavel e extrema infelicidade. Porfim, ao cabo de alguns minutos, e mais instinctiva do que racionalmente, atravessou, a passos incertos, o terreiro banhado de luar, e seguiu rumo da fonte, imagem silenciosa da agonia,

aqui estacando, tremula, ao ramalhar de uma fronde agitada pela brisa, ali procurando occultar-se, com o coração aos saltos, ao mais ligeiro ruído.

Houve um momento em que lhe pareceu distinguir dois vultos adiante, numa orla da estrada. Agachou-se por detraz de uma arvore, que a envovia na sua sombra, e esperou, quasi de joelhos, offegando, algida. Os vultos—em que não lhe custou reconhecer o marido e a irmã—adiantaram-se e pararam a pequena distancia da arvore, para logo se separarem depois de um rumor de beijos trocados de labio a labio. Ahi, a estrada dividia-se em duas, uma que levava ao quintal e a outra ao pateo da fazenda. Antonio Sampaio tomou pela ultima e a Margaridinha pela primeira.

Dona Pastora, com a vida concentrada nos olhos em desvario, viu-os desapparecer, marmorizada no seu desespero e sentindo-se a miserrima das creaturas. Mas não durou muito a quebrada attitude que lhe symbolizava o mortal desengano e o anniquilamento das energias. Ergueu-se momentos depois, e, por sua vez, encaminhou-se para casa, levando agora no olhar a expressão de um novo estado d'alma.

Passava de onze horas e começavam as visitas a retirar-se. Ausente que foi a derradeira, recolheu-se Dona Pastora ao quarto de dormir, situado em uma das extremidades do predio, ao centro e do lado direito. Antonio Sampaio acompanhara o Casé Ribeiro, «que tinha umas coisas para dizer-lhe», até o fim do pateo e com elle se demorara conversando. Ella, assim que chegou, cerrou a porta por onde entrara, acercou-se da mesinha que havia no aposento e por instantes esteve a escrever. Em seguida, aproximou-se do leito do filhinho que dormia, ergueu-o nos braços, apertou-o demoradamente contra o peito e encheu-lhe de beijos e rosto e as mãos. A creança ia despertar. Deitou-a, aconchegou-lhe as vestes com suave carinho, beijou-a de novo, e quedou-se a contemplal-a com o aspecto impassivel de quem trouxesse consigo um pensamento mais forte que todos os impulsos da sentimentalidade. Fóra, soou a voz de Antonio Sampaio, que chegava á porta da casa. Ouvindo-a, estremeceu e recuou, com os braços em cruz sobre os seios, como que procurando comprimir o coração, os olhos presos á alva e pequena rête onde o filhinho dormia com um quasi sorriso nos labios em flor. E desapareceu pela janella do oitão...

\* \* \*

Ninguem sabia onde ella estava. Chamavam-na debalde fazia já uma hora. A angustia assoberbava os corações. Como se explicava aquillo, santo Deus? Que teria contecido? Alguem aventurou a hypothese de que Dona Pastora, tendo saído, caíra ali por perito, com um ataque. E todos concordaram em que devia ser isso. Não podia ter sido outra coisa. Pois se ella, embora parecesse restabelecida, ainda se não fortalecera convenientemente! ainda estava muita fraca!

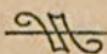
E, entre choros e exclamações afflictivas, lançaram-se a procurar-a pelos mattos proximos, pela alvura das estradas adormecidas. Triste coisa, triste coisa! Os gritos, vibrando-lhe o nome, rolavam no silencio da noite, repetiam-se mais e mais desesperados, e ao seu appello de dor apenas respondiam revôos assustados e o indiferente soliloquio do vento noctambulo nas franças do arvoredo.

E, assim, veio a madrugada, veio a manhã. E quando o sol desparziu o oiro dos seus primeiros clarões por cima das arvores orvalhadas, um dos trabalhadores do major Domiciano avistou, pendente de um galho de goiabeira, matto a dentro e a alguma distancia do caminho da fonte, o corpo de Dona Pas-

tora, com os braços caídos, o pescoço distenso, a cabeça inclinada para diante e a farta cabelleira negra voando revolta ao embalo continuo das virações matinaes...

\* \* \*

Duas cartas deixou Dona Pastora na gaveta da mesa onde estivera escrevendo—uma dirigida aos pais e irmãos, a outra ao marido. Despedia-se e exorava que lhe não chorassem a morte, pois esta, de qualquer maneira, não se demoraria em chegar. Sentia-o perfeitamente. O seu aspecto de saude não passava de apparencia mentirosa. Mais dia menos dia, havia de se lhe quebrar o fio da vida. E terminava a de Antonio Sampaio pedindo-lhe que sempre quizesse muito ao filho e se casasse com a Margaridinha...





## O ANNIVERSARIO DO JUIZ

---

Não havia, em toda a localidade, quem não tecesse elogios ao doutor João Bazilio, á inteireza do seu caracter, á magnanimidade dos seus sentimentos.

Embora bem moço, era um juiz modelo, segundo a opinião de toda a gente. Oito mezes fazia que ali chegara, e ainda se lhe não tinham observado irregularidades na conducta, sendo devéras extraordinario que, durante esse decurso de tempo, nenhum litigio tivesse conseguido levantar a cabeça naquelle fôro de lugarejo, propicio, como todos os da mesma categoria, ao esfervilhar de chicanas e politiquices. Varias questões já haviam aparecido, é certo, promissoras de maiores discordias, destinadas a accender ainda mais

o calor de velhos odios concentrados. Elle, porém, conseguira resolvê-las amigavelmente, harmonizando, tanto quanto possível, os interesses em conflito, e, desse modo, iniciando a villa em um periodo de alviçareira tranquilidade.

Que diferença entre elle e aquelle velho dr. Fortunato, que o precedera, e que, sobre ser impenitente politiqueiro, levara a prepotencia a taes extremos, que um dia mandou alguns policiaes e um official de justiça despejar da propria choupana um pobre ferreiro, só porque este o irritava com as pancadas do seu martello !

Outro homem era certamente o dr. João Bazilio, sempre justiceiro na sua espontanea simplicidade, e cuja delicadeza chegava a ponto de o fazer tirar o chapéu ou estender a mão a quem quer que o cumprimentasse por este ou aquelle modo, sem attender a côr nem condição social.

Isto posto, o joven juiz de direito captara a estima e o respeito de todos os seus co-marcões. Nem ao menos, o que era um facto verdadeiramente assombroso, conseguira despertar ciume em qualquer das duas parcialidades politicas da terra. De sorte que, nas localidades vizinhas, uma grande e espantada

curiosidade arregalava os olhos a propósito daquelle caso excepcionalissimo...

\* \*

Aproximava-se a data natalicia do dr. João Bazilio. O primeiro a saber-o foi o José Antonio, escrivão do juizo, um creoulo de expressão em continua jovialidade, e para quem o magistrado não tinha senão um defeito: levar a bondade a extremos inadmissíveis. Cebolorio! A gente devia servir aos outros, não restava a menor dúvida. Achava também a caridade um elevado sentimento, pois era cristão, com a graça de Deus. Mas a verdade é que o doutor se demasiava gastando além do que lhe permittiam os vencimentos. Arre! que tudo tinha limites, a generosidade inclusive! No fim de contas, o José Antonio consagrava ao juiz affeição verdadeira, e tanto bastava a explicar porque elle, começando a executar um projecto que imaginava dos mais bem inspirados, tratara de se informar a respeito daquella data.

Poderia suppor-se facillima para o José Antonio a realização de tão simples desejo. Pois não aconteceu assim; alguns embargos lhe foi necessário levar de vencida.

Não quiz interrogar directamente o magistrado, porque tinha interesse em que as

suas intenções nem de leve transparecessem. Então, por duas vezes, procurou trazel-o ao assumpto ageitando a conversa de maneira a ouvir o que desejava sem parecer que o pretendia. Inutil dispendio de matreirice! Teve que se resignar em silencio a vel-o passar adiante sem lhe realizar a singela aspiração.

Que fazer, neste caso? O escrivão poz a tratos a bola, e não tardou que o allumiasse o sol de uma idéa salvadora.

Havia, em companhia do dr. João Bazio, uma preta velha, que elle chamava a «mãe preta» e de quem mamara em pequeno. E o José Antonio pervicazmente concluiu que a «mãe preta», ou a velha Ludú, como era conhecida dos estranhos, havia de lhe ministrar a informação de que precisava.

Instantes depois de encontrada a chave do problema, eil-o chegando á porta do juiz de direito, cujo creado nesse momento a ella assomava. «Tinha vindo espiar se seu doutor já apontava de volta do banho da lagôa, aonde fôra a cavallo com outros cidadãos». Uma ruivissima criatura, este Marcellino! Tão rui-va, que, ao chegar ao passeio sem chapéu, foi como se recebesse á fronte a riqueza de um esplendido diadema: fulgurou-lhe a cabeça á luz do sol das nove e meia, que se esbatia,

num esbanjamento de claridade, sobre o esmeraldino tapete do relvado do largo.

—Viva, ó Marcellino. Então não está o doutor? Tanto melhor. Ouve lá.

E, começando com a promessa de «uma boa recompensa», o José Antonio encarregou o creado de tudo indagar da velha Ludú. Mas visse como fazia! Não désse depois com os burros na agua! Era necessário que a velha não desconfiasse de coisa alguma, e que nem por sonhos viesse o doutor a saber do que se tratava! Arranjasse o negocio «como quem não quer querendo», e seria bem gratificado. Mas não se demorasse por muito tempo; elle ia esperal-o em casa.

O Marcellino concordou, risonho, «que sim-senhor. Logo que désse o almoço, lá iria, num prompto.» Assim fez, effectivamente. A promessa da gorgeta produziu o efecto que levava em mira, e horas depois ficou sabendo o José Antonio que o doutor, dahi a duas semanas, completaria vinte e oito annos de idade. «O' diacho! E se me descuido? e se me demoro mais?»—disse então entre si, com o coração batendo apressado e a arrepiada sensação de quem, miraculosamente, acabasse de escapar aos dissabores de um contra-tempo. E a alma se lhe expandiu em agra-

decimentos á divina bondade, que assim bem demonstrava andar a amparal-o naquelle commettimento.

Rara será a alegria que esfuzile em rosto de homem como aquella com que o escrivão levou a saborosa novidade ao conhecimento de uma róda de graúdos, entre os quaes o reverendo Felicio Teixeira, vigário da freguesia, um ironista risonho, prospero em còres e banhas, a quem o peso dos cincuenta ainda não anniquilara a maioria das predilecções menos austeras da juventude. Achavam-se estes cavalheiros em casa do coronel Athanasio, padrinho do José Antonio e chefe do partido dominante. Dois delles—um era o padre—jogavam o gamão e os demais «peruavam», revelando, nos apartes, uma parcialidade que desesperava o companheiro do reverendo, como se lhe não bastassem ao mau humor, que embalde forcejava por esconderse, as muitas partidas que já havia perdido e os regalados gracejos do parceiro vitorioso, muitos delles os gracejos classicos nesse jogo tão do agrado da gente sertaneja.

A noticia trazida pelo José Antonio, e, mais, o plano que elle concebera e para o qual solicitou o apoio de todos, logo os afastou de em torno do taboleiro. Bella idéa, bella

idéa! — concordaram unanimemente. O coronel Athanasio chegou mesmo a vibrar no auge do entusiasmo, e sugeriu que era conveniente resolverem sem mais delonga sobre a melhor maneira de ser aproveitada a magnifica lembrança. Não valia a pena deixar as coisas para a ultima hora. Que achavam? A mesma foi a opinião dos demais circumstantes, e, em acto continuo, entrou a materia a ser discutida.

Quando, finalmente, ficaram assentadas todas as medidas que lhes pareceram indispensaveis, ergueu-se o escrivão, transbordando contentamento, e affirmando que ainda não vira nada mais bem combinado. Havia de ser uma coisa supimpa! E dahi mesmo iria á casa do mestre Feliciano para pedir-lhe que tratasse de ir compondo alguma peça nova e que dêsse no gotto. Sim, senhores, iam ver como correria tudo ás mil maravilhas! Asseverava que havia de ser aquella a festa de anniversario mais interessante de quantas até então a villa presenciara! Assim que chegassem á casa do doutor, era só mandarem avisar as familias, que já estariam convidadas com todas as cautelas requeridas pelo caso — e não dizia mais nada! se eram adivinhos, que adivinhassem o resto!

Promettia ir longe o escrivão com a sua loquacidade; mas advertiu-lhe o padrinho que estava perdendo tempo, e elle, depois de fazer a todos, com o chapéu, uma geral e prazenteira saudação, lá se foi para a casa do mestre Feliciano, velho rabequista que desde quarenta annos era figura obrigada em todos os bailes da villa. E já estava a certa distancia, em plena rua, quando se voltou, levando aos labios, de baixo para cima, o index da mão direita, para recommendar a alguns daquelles que acabava de deixar e que, tambem de partida, ainda permaneciam á porta da casa do coronel:

—Vejam bem, meus senhores! Todo o segredo! Nada de dar com a lingua!

O que accendeu as orelhas ás duas ou tres pessoas que nessa occasião iam passando, e continuaram o seu caminho prometendo a si mesmas tirar a limpo aquelle mysterio...

\* \* \*

Dias depois, aproximadamente ás oito da noite, e sob o velario de um céu cheio de estrellas, agitavam-se em frente á casa do coronel Athanasio cerca de dois terços da população masculina da villa. Estavam á espera do coronel, que fôra envergar a fatiota

das grandes solemnidades, e conversavam animadamente. Surgiam ali á tona — entre estes, uma pilheria mais ou menos apropositada, entre aquelles, a analyse da vida de fulano e cicrano, entre aquelloutros, os commentarios aos mais recentes acontecimentos politicos de que davam noticia os derradeiros numeros da *Pacotilha* trazidos pelo correio, e ainda varios outros assumptos pertinentes á vida local, entre os quaes a remessa, pelo rio Balsas, de uma partida de coiros e borracha para a cidade de Floriano, o despacho de uma boiada para a feira das Pombinhas, a chegada, que se anunciava para breve, de um *cometa* que vinha da capital e andava impiedoso pelos sertões em fóra, arrancando coiro e cabello a quanta creatura tinha o infortunio de se lhe encontrar dentro da orbita. Creanças, aos grupos, ziguezagueando ruidosas e trefegas, lançavam olhares avidos para os mólhos de foguetes destinados á festa, na anciosa espectativa de apanharem, com as flexas, as bombas daquelles que porventura não explodissem. E o interesse que mostravam em conseguil-o era tanto mais ardente, quanto, a exemplo do que faziam os seus maiores, ellas representavam dois partidos politicos, e vinha perto o dia marcado para as eleições,

dia no qual, por conseguinte, seria posta em prova a pujança de cada uma dessas legiões de futuros patriotas, a esse tempo ainda não iniciados nas habilidades da acta falsa. Mas estava escripto que ainda esperariam pelo menos meia hora, visto como fôra estabelecido que, somente na occasião de chegarem á casa do doutor, é que a musica e o foguetorio, a um tempo e de improviso, quebrariam, com os seus acordes e estraloiços, a somnolenta quietude da noite constellada. E no ajuntamento, aqui e ali, já se manifestavam symptomas reveladores de que a demora em partirem ia parecendo excessiva, quando surgiu o José Antonio, que se havia retirado para o interior da casa, afim de auxiliar a conclusão de alguns preparativos necessarios ao baile. Vinha satisfeito, roçando uma na outra as pernas das calças engommadas de brim branco, e, chegando ao passeio, communicou «que estava tudo prompto; não faltava mais nada, e o padrinho sahiria sem demora. Tivessem um pouquinho mais de pacien-cia».

O aviso serenou as inquietações, e, com effeito, não custou que aparecesse o coronel Athanasio envergando solemne o seu afama-do terno de fraque azul-escuro, que não se

mostrava senão umas duas ou tres vezes ao anno e era feitura do Venancio alfaiate, uma gloria da localidade, sobre cuja morte já se tinham passado cinco a seis janeiros, mas que nem por isso deixava de continuar bem vivo na memoria dos conterraneos. O Venancio aprendera o officio no antigo collegio dos Educandos, onde pasmara condiscipulos e mestres, e, vindo ao sertão em visita á familia, nelle se deixara ficar trabalhando e ombreando com as mais adestradas tesouras da capital. Razão por que, depois do seu desaparecimento, se tornara frequente ouvir-se na villa phrases desta natureza a proposito de toda a roupa que se mostrasse com apparen- cias de bem feita :

—Aquella, vê-se logo, ainda é obra do Venancio !

Pois foi mettido num fato de tão alta prosapia que surgiu o coronel. Acolheu-o um generalizado murmurio de satisfação, e, sem detença, elle abriu a marcha ao cortejo, ladoado pelo vigario e pelo dr. promotor publico, que somente á ultima hora fôra convidado. Assim acontecera, porque o José Antônio, sabendo-o intimo amigo do juiz, quizera evitar a possibilidade de, mesmo em segredo, ser trahido o sigillo da surpresa.

\* \* \*

A orchestra permanecia silenciosa. Apenas um que outro musico vibrava de leve alguma corda ao instrumento, verificando se a afinação continuava perfeita. As proprias conversas diminuíam insensivelmente, em contraste com o alvoroço que reinava nas almas. Era a emoção da proxima chegada á casa do juiz e o desejo de dar á surpresa todo o intenso colorido das verdadeiras surpresas. A meninada é que não se continha e parolava cada vez mais desenvolta, nada lhe importando alguns psius que, do grupo dos adultos, a quando e quando lhe eram dirigidos.

O José Antonio caminhava logo em seguida aos musicos. Calado, abstrahido, perdera-se entre nuvens, mergulhara em pleno devaneio. Entregava-o, só por si, ás mais apraziveis cogitações, a lembrança do seu Discurso, o discurso que escrevera em collaboração com o Miranda, professor publico, para ser lançado ao espanto boquiaberto da villa no momento dos brindes ao dr. João Bazilio. E esteve a repetil-o mentalmente, para ver se ainda guardava bem vivas na memoria as seis tiras onde, com o seu elegante cursivo de calligrapho bem apurado, fizera o caloro-

so elogio das qualidades do anniversariante. E meditava na attitude que revestiria quando o recitasse, no desempeno com que esperava impol-o á admiração e aos applausos do auditorio. E, embalado no antegozo de tamanha conquista do seu intellecto, via-se arrebatado aos alcandores de outra, que era a que mais profundamente ambicionava—a dos sorrisos e do olhar, admirado e blandicioso, da joia da villa, a mimosa Don'Anna, que também não deixaria de dar-lhe palmas com as suas lindas mãozinhas de um moreno de jambô. E acudiam-lhe desejos de abalar com toda aquella gente no costado, afim de vencer mais depressa a distancia que ainda o separava da residencia do juiz. E sentia calafrios, e via o doutor, num pasmo, a dizer-lhe, commovido, «que muito bem! nunca imaginara pudesse chegar a tanto o seu prezado José Antonio!»

Mas, a alimentar-lhe o devaneio, existia, além disso, a perspectiva do baile na espaçosa varanda illuminada, com improvisados festões pelas paredes e arcarias verdes nas portas, o que tudo deixara preparado em casa do padrinho e viria pouco depois de haverem chegado. A' função com certeza não faltaria a fina flor das familias do lugar. Desde que entrassem as primeiras, começaria o ambien-

te a encher-se de risos e perfumes. O mestre Feliciano e companheiros haviam de executar as melhores musicas do seu abundante repertorio. Reinaria entre os convivas, todos contentes, a mais encantadora cordialidade. E, assim que principiassem as dansas, elle José Antonio entraria por sua vez no vertiginoso torvelinho, levando consigo a dona dos seus cuidados, abraçando-lhe a cintura delgada, quasi incorporea, sentindo-lhe o aroma dos cabellos côr da noite, bebendo-lhe a doce luz dos olhos, mais clara que a das estrellas...

E por ahí além revoava o escrivão nas asas da fantasia, largas demais para suportarem o peso a quanto namorado suspira sobre o planeta. Mas não lhe durou muito a sonhadora concentração. Pouco tardou que fosse attingido o ponto a que se encaminhavam, e logo o José Antonio readquiriu a vivacidade e presteza de que déra tamanhas provas desde quando concebera a idéa daquella homenagem ao juiz de direito. E, ao seu commandamento, rompeu a orchestra num allegro fogoso, fagulharam foguetes no rumo do céu, espalhando em redór o cheiro da polvorêda, e vivas estridulos ao doutor João Bazilio reboaram longamente, misturando-se com os estalos das bombas e as ner-

vosas vibrações da musica do mestre Feli-ciano.

Attrahido pelo barulho, appareceu o ma-gistrado a uma das janellas da sala de visi-tas. Recrudesceram as acclamações. Cruza-ram-se os chapéus acima das cabeças, num delirio de apotheose. Quem na villa já dor-mia e ainda não acordara, não pôde resistir ao embate daquella derradeira investida con-tra o sonno pesado. O dr. João Bazilio ges-ticulou então, com as mãos e a cabeça, um rasgado cumprimento para a massa confusa dos manifestantes que se agitavam na treva da rua sem lampiões, e convidou-os a entrar. Não se demoraram em fazel-o. E choveram os parabens e os abraços ao homenageado, a co-meçar pelos dos maioraes da surpresa—o co-ronel, o vigario, o promotor, o escrivão. E por esse modo se iniciou a phase culminante da festa, aquella com que, fazia duas semanas, acordado ou dormindo, sonhava o José An-tonio, em cujo semblante, por signal, estavam irradiando todos as vivas claridades das ale-grias extremas...

\* \* \*

Não foi á madrugada, ou com a luz do outro dia, que regressaram os manifestantes, como é de regra nas manifestações que ter-

minam em baile. Nem tão pouco se revelava no que diziam aquelle bom humor que é natural em quem acaba de gozar alguns momentos de ventura. Tornaram ás dez horas, mais ou menos, e a conversa que entretinham, descolorida e vagarosa, dir-se-ia a de quem voltasse de enterro de parente pobre. Por seu lado, fechara-se a musica em um silencio de casa abandonada. Que acontecera ?

Isto, simplesmente :—o doutor, na occasião em que o afilhado do coronel Athanasio, findos que foram os amplexos, pediu lhe permittisse ir desde logo tratando de ageitar a casa para o baile, afim de mandar prevenir as familias, lembrou que seria melhor deixar o sarau para outra vez, porquanto era o dia dos seus annos o mesmo em que perdera a progenitora. Um horror ! Morrera a inditosa no instante em que elle vinha ao mundo !

A declaração do juiz mudou immediatamente a expressão das physionomias. Murchou a flor dos jubilos, extinguiu a dos sorrisos. O José Antonio, mais do que em melancolia, mergulhou em amargura e desolação. E pouco depois, embora os pedidos que fazia o doutor João Bazilio para que não se fossem tão cedo, retiraram-se todos, exceptuados somente o promotor e o coronel Athanasio, que

ainda ficaram por algum tempo a conversar sobre o caso.

Saíu o escrivão ao lado do padre Felicio. Fóra, precisou de deixal-o, pois deviam seguir em direcção diferente. Mas não se conteve que primeiro não vasasse do coração alguns dos queixumes que o entumeciam:

—E então, sr. vigario! Quem havia de esperar por uma destas! Uma coisa tão bem arranjada! Tanto esforço empregado para que nada faltasse e tudo corresse do melhor modo!

Sorriu o padre, e, carinhoso, batendo-lhe no ombro:

—Paciencia, meu caro. E' a vida. A vida é cheia de surpresas, e sabe preparal-as mais completas que aquellas que nós ideamos.

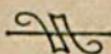
—Tal e qual, sr. vigario. E' isso mesmo. Bôa noite.

—Adeus, Zézinho.

E o José Antonio rumou para a casa materna. Ficava em seu caminho a da formosa Don'Anna. Alcançando-a, parou um instante, suspirou um longo suspiro, e voltou o rosto para o céu concavo, profundo, matizado pela caravana rutila dos astros. Dir-se-ia que o José Antonio buscava um consolo contemplando a maravilha do firmamento estrella-

do. Mas não o conseguiu, se era isso o que procurava: porque, volvendo o olhar á terra, apenas lhe brotou dos labios esta exclamação, indigna de um pantheista e muito da sua linguagem :

—Cebolorio !





## TERRA NATAL

---

Depois de tamanhas cancelas e contrariedades, de um trabalho tão penoso e tão longo, alguma coisa, necessariamente, havia de restar, que lhe compensasse as torturas do exílio e lhe permittisse um regresso feliz ao seio da familia.

Um, dois, tres annos... Quanto tempo já se fôra! E, no entanto, podia dizer que ainda não descansara nos labores de todos os dias e de todas as horas, sem vacilações nem fraquezas.

Os seus lá estavam, longe, nos confins da terra natal, de braços abertos a esperal-o, de lagrimas nos olhos a supplicar-lhe que voltasse. Via-os sempre, indelevel, nitidamente representados, numa serena piedade amoro-

sa, a todos os instantes, na nevoa e na claridade de todos os seus sonhos. Mas que havia de fazer? Deixara-os tão pobrezinhos ...

Não fôra o azorrague de fogo da ultima secca, os seus cafezaes morrendo estorricados na terra inanida, o completo desapparecimento das suas malhadas de gado; não houvera ficado reduzido á indigencia quasi, e de certo jamais teria deixado aquella formosa terra cearense, aquelles bellissimos sertões onde se lhe tinham passado na fartura e na alegria os primeiros annos da mocidade sadia e vigorosa, agora a minar-se aos poucos entregue á maldade das intemperies e ás emanações miasmaticas dos pantanos inclementes.

Sem duvida, o homem põe e Deus dispõe. Quando se lembava que, ao partir, trazia a esperança de se não demorar por mais de um anno, dois annos quando muito! E' que as coisas não eram exactamente as mesmas que, lá, se lhe haviam pintado na imaginação. Certamente viera encontrar uma grande fonte de riqueza, um aureo filão de onde promanavam, para os felizes, a independencia, o fausto, cabedaes por vezes fabulosos. Mas tudo estava subordinado á surpresa de multiplos accidentes, sob a dependencia de mil circunstancias diversas.

Conseguira, nos primeiros tempos, economizar somma razoavel, de fóra parte a mensalidade que remettia á familia. Mas a sua saude, que sofrera serias perturbações, não somente lhe tinha acarretado despesas excessivas, senão tambem concorrera para o afrouxamento no serviço e mesmo para a deserção de muitos dos braços com que se havia entregue á exploração das seringueiras que ultimamente arrendara. Trabalho relaxado, saude arruinada, complicações na capital, onde experimentara vultoso rebate o melhor das suas economias com a fallencia de uma casa commercial, cujo fôra committente, todos esses novos percalços do infortunio que, no seringueiro de hoje, haviam transformado o fazendeiro de hontem, o compelliam a esperar mais ainda, na espectativa de outros dias mais faceis, mais limpidos, agora que tinha por si, ao lado da experienzia, das relações adquiridas, um relativo apaziguamento com as condições climatologicas sob que vivia, ali, naquelle aspero e remoto interior do Amazonas.

E a mulher, coitada, que tivesse pacienza, que esperasse tambem. De sobra sabia elle o preço da semelhante resignação, devéras dolorosa. Mas precisava de prolongar os

dias de exilio, de soffrer mais ainda. Não por que fosse ganancioso; nunca o fôra. E' que, a repletal-o de anceio pela consolidação de um futuro prospero e risonho para a mulher e os filhos, lhe estavam no espirito, sempre nitidas, a imagem triste da vida que ia vivendo e a saudade irresistivel que lhe trazia presos os olhos á visão luminosa do passado feliz...

E esses dias futuros, que entresonhava tão doirados de belleza, começariam desde o instante em que chegasse, de volta do seu deserto, desde quando visse de novo a casa em que deixara aquelles por quem vivia. Imaginava-se transportado a esse momento, numa embriaguez deliciosa... Ah! lá estava o seu ninho, a poucos passos, ali adiante... E elle ir-se-ia aproximando, infantilmente commovido, num susto e num enlevo... Qual o rosto que avistaria em primeiro lugar? O da mulher? o da Luizinha? o da Lidia? o do Alvaro? Estacaria, para ver. E se ninguem apparecesse, sustaria o passo ao cavallo, seguindo devagarinho, até apear-se, afim de os apanhar de surpresa. Entrava. Emocionado, com o coração aos saltos, attingia a varanda. Soava então um grito de alarma, grito indefinivel, canto e soluço. Era a esposa: «Antonio!»—e

ia quasi a cair, e elle, sustendo-a nos braços, estreitando-a, num longo amplexo: «minha Maria!»—havia de dizer-lhe, bem perto dos labios, enquanto, num festivo arruido, entravam os filhinhos, entravam todas as pessoas de casa. E eram beijos, e abraços, e palmas alacres, e lagrimas de gozo...

E, depois, era a sua linda fazenda, refeita do aniquilamento em que a deixara a secca desoladora, outra vez plena de vida e de animação, com os seus dias como os de outrora, as suas noites de maviosa tranquillidade, as suas manhãs de grande luz, vibrando ás clarinadas do passaredo alegre, aos mugidos das vaccas leiteiras enchendo o pateo, satisfeitas, os uberes fartos, entumecidos de leite sadio e saboroso. Como que lhe soavam aos ouvidos o vozeio dos serviçaes, as risadas cristalinas da meninada, as cantigas dos trabalhadores, de enxada ao ombro, caminhando para a roça. Por todos os lados, o sussurro, a vida...

Ah! a sua fazenda! Que bôas terras, que lugar tão invejado! Só mesmo se não tivesse coração poderia esquecer tudo aquillo. Não nascera, bem o sentia, para aquella vida de seringueiro, nua de todo o encanto, monotonía, encurralada. O seu espirito pedia a am-

plidão dos horisontes sertanejos, o trabalho do lavrador, e, depois do vôo arrebatado atraç do novilho bravo, a doce paz bucolica do fim do dia, quando, de cima da porteira do curral, o olhar poisava enlevarado por sobre a vacaria mansa ou a boiada prestes a seguir para a feira...

Quem lhe déra, como num cosmorama, poder, de subito, mudar a face das coisas! Preferira, a estar ali, inactivo, naquelle banco, em frente do rio silencioso e do barracão a se envolver nas primeiras sombras do crepusculo, achar-se de perneiras, guarda-peito e gibão, flexando atraç de um boi velhaco, através do cerrado de uma catinga. Que scena grandiosa! Era precisamente o que mais o entusiasmava durante as vaquejadas. Parecia-lhe estar a ver o gado tropeando, e a vaqueirama, encoirada e garrula, sobre os campeiros valentes, tangendo-o cautelosa, atalhando uma rez aqui, outra ali. Subito, um novilho *espirra*. E um dos vaqueiros, rapido, curvado para deante, numa forte retracção das pernas nervosas, crava as esporas no ventre do cavallo fogoso, e—*rê, boi!*—como um raio varando o espaço, agarra no ar a cauda veloz do rebelde, galhardo manobra a *mussica*, e o bruto rola bofando, ao passo que as accla-

mações, os bravos admirativos estrugem matto a dentro saudando a acção do bravo *cabra de gado*.

Nunca se esquecera de uma occasião em que fôra o heroe de grande empresa, já quando chegavam ao terreiro da fazenda de seu pai. Tinha chovido; a tarde estava muito bonita. E enquanto, com a queda do novilho, vibravam os vivas dos companheiros e do povo de casa, embebiam-se-lhe os olhares na contemplação do lenço branco e rendado de sua noiva, nervosamente a agitar-se no vão de uma das janellas da casa grande. Embalava-o, naquelle momento, vivo orgulho, contentamento indefinivel. Agora... que saudade!

\* \* \*

A noite descia vagarosa, melancolicamente, a envolver-l-o, a velar todas as coisas.

De dentro do barracão, em que o movimento arrefecera, vinham sons de vozes e de risos do caixeiro e de alguns trabalhadores que parlavam.

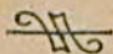
A' margem do rio, no porto, ondulava uma canôa, de um lado para o outro, devagar, ao sabor do remanso, de vez em vez esticando a corda que a prendia ao caule de ramalhuda ingazeira.

Sobre a agua, crescida em razão das derradeiras chuvas, boiavam, a modo de ilhas minusculas, moitas de mururés que a enchente arrastara das margens.

Dolado opposto, e já quasi invisivel, passava uma garça, de asas lentas e niveas, rio acima.

Nas arvores em torno vibravam notas estridulas de cigarras cantando as esponsalicias do inverno e da terra procreadora.

E o seringueiro, abstracto, a vista a acompanhar as sinuosidades do estirão que se evaencia distante em tons escuros de bruma, continuava scismando, nostalxico, de todo alheio á natureza ambiente, a alma pairando longe, muito longe...



## INDICE

---

Velha mangueira . . . . .	3
Um artista . . . . .	9
Alma de outrora . . . . .	15
Lucia . . . . .	21
Artes do diabo . . . . .	37
No Sertão . . . . .	47
Entre bichos . . . . .	50
O varioloso . . . . .	60
Alma torva . . . . .	71
Juizes . . . . .	84
Um typo . . . . .	90
O sacrificio . . . . .	94
O Pá-Virada . . . . .	100
Duas almas . . . . .	105
Plano que falha . . . . .	110
Um pessimista . . . . .	119
Estudantadas . . . . .	124
O escravo . . . . .	133
Dona Pastora . . . . .	141
O anniversario do juiz . . . . .	158
Terra natal . . . . .	176